

**V ENCONTRO LATINO AMERICANO
DE TEOLOGIA ÍNDIA
MANAUS, AMAZONAS, BRASIL
21 A 26 DE ABRIL DE 2006**

**“A FORÇA DOS PEQUENOS,
VIDA PARA O MUNDO”**

V ENCONTRO OFICINA DE TEOLOGIA ÍNDIA
“A força dos pequenos: vida para o mundo”

CONVOCATÓRIA

“Naquele tempo, cheio do Espírito Santo, Jesus ficou muito alegre e disse: ‘Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, por teres ocultado isto aos sábios e aos instruídos e por tê-lo revelado aos pequeninos. Sim, Pai, foi assim que fizeste em tua bondade’.” (Lucas 10, 21).

Reunidos em Cochabamba, Bolívia, nos dias 27 a 29 de março de 2004, os membros da Articulação Ecumênica Latino-Americana de Pastoral Indígena, AELAPI, formada por organismos de igrejas cristãs que acompanham processos indígenas nas diversas regiões do continente americano, convocamos o V Encontro Latino-Americano de Teologia Índia. Este V Encontro é a continuidade de outros quatro já realizados a nível latino-americano, a saber: em México de 16 a 23 de setembro de 1990; em Panamá de 29 de novembro a 3 de dezembro de 1993; em Cochabamba, Bolívia, de 24 a 30 de agosto de 1997; em Ykua Sati, Assunção, Paraguai de 5 a 11 de maio de 2002.

Este V Encontro-Oficina tem como tema: ***a força dos pequenos: vida para o mundo*** e se realizará em Manaus, Brasil de 21 a 26 de abril de 2006, na ocasião da Semana dos Povos Indígenas.

Poderão participar:

- a) sábias e sábios dos Povos Indígenas,
- b) missionárias e missionários e agentes de pastoral das Comunidades,
- c) colaboradoras, colaboradores, assessoras e assessores dos processos,
- d) bispos e pastores das igrejas envolvidas,
- e) convidadas e convidados especiais que apóiam o evento.

As sábias e sábios indígenas serão em número majoritário, que marcará a perspectiva predominante do encontro; os demais participantes servirão de apoio para a palavra indígena e em função dela colaborarão para o bom desenvolvimento do encontro.

A Teologia Índia é um processo comunitário. A participação efetiva das comunidades neste empreendimento é indispensável. Por isso propomos o seguinte esquema de trabalho:

1. Trabalho prévio nas comunidades baseado no guia metodológico em anexo. Esta tarefa tem como limite de tempo até 2005.
2. Cada país recolhe as contribuições para o encontro-oficina e escolhe seus participantes. Este trabalho pode ser realizado num encontro nacional, no mais tardar até o fim de 2005.
3. Os delegados de cada país e região compartilham o que foi produzido nas bases com os demais participantes do encontro.

Pedimos aos bispos e pastores de nossas igrejas particulares e aos responsáveis dos organismos nacionais de pastoral indígena que façam conhecida a convocação deste encontro de vital importância a fim de que as comunidades iniciem o antes o processo de preparação do V Encontro.

Pensamos para o encontro de Manaus uma participação de aproximadamente 200 pessoas, sendo a maioria indígena. A saber: 100 indígenas, 44 acompanhantes, 20 colaboradores assessores, 20 bispos e 16 convidados especiais.

As regiões que participam na AELAPI são:

América Central

Caribe

Andes

Amazônia

Cone Sul

Conselho Latino-Americano de Igrejas, CLAI.

Os organismos de AELAPI nas regiões estabelecidas se encarregam de convidar, preparar, acompanhar as e os delegados de sua região. O guia de trabalho em anexo servirá de pauta para a dita preparação, lembrando que, por experiência, a preparação do encontro é de suma importância; pois quando as regiões se preparam

devidamente e levam a palavra de seus povos e comunidades, resulta mais fácil conseguir consensos que enriquecem a todos.

Enquanto ao financiamento, os gastos de alimentação, hospedagem e logística do encontro são da responsabilidade dos anfitriões com o apoio da coordenação da AELAPI. Os gastos de viagem dos delegados fica ao encargo dos organismos da AELAPI em cada região, que buscarão o apoio necessário com as organizações indígenas, com suas igrejas locais ou com a ajuda de agências financiadoras do exterior. Sugerimos que quanto antes comecem a buscar estes recursos que necessitam.

A secretaria de AELAPI para o V Encontro de Teologia Índia estará ao encargo do CIMI de Brasil. Para contacto e para conseguir mais informação sobre o encontro, podem comunicar-se com:

Nello Ruffaldi e Rebeca Spires
Caixa Postal 12080 – São Brás
66090-970 Belém, PA
BRASIL

“A FORÇA DOS PEQUENOS: VIDA PARA O MUNDO”

Guia Metodológico

Manaus, Brasil de 21 a 26 de abril de 2006

(Cada equipe deverá ajustar este guia à linguagem e realidade de seu povo.)

Pressuposto

A Teologia Índia é um processo comunitário, em que a participação efetiva de comunidades e povos é indispensável.

Através deste processo compartilhamos nossa experiência de Deus no mundo.

Constatação

Na época moderna, como no passado, aumentam em toda parte os sinais de morte, porém, florescem também os sinais de vida.

A **natureza** está ameaçada por contaminação, a degradação ecológica, mau aproveitamento dos recursos, privatização da água e outros elementos que a levam a condições de vida deploráveis.

A **convivência humana**, por sua vez, se sente perturbada por perder o sentido da vida, pela exclusão, a violência, a guerra, a corrupção, etc. Os fundamentos de nossa existência agonizam porque colocamos ídolos no lugar onde deveria estar **Deus**.

No obstante, o copioso crescimento demográfico dos Povos Indígenas, sua organização, a recuperação de seus territórios, a capacidade de defesa de suas línguas, a apropriação dos espaços de decisão na sociedade civil e outras conquistas evidenciam *a força dos pequenos que significa vida para o mundo*.

Com tais pressupostos nós fazemos algumas perguntas: É possível um sonho ou alternativa real? De onde vêm nossas frustrações e nossas esperanças? O que diz Deus para nossos povos? O Deus da vida tem alguma proposta diferente? A Bíblia tem alguma mensagem que nos ajuda a compreender esta complexa realidade?

GUIA

1. Quais são os sinais de morte que hoje ameaçam nossos Povos e Comunidades, em relação com a natureza, à convivência humana, com Deus, tanto de dentro como de fora? De onde vem o risco maior? Onde estão as grandes esperanças de nossos Povos? Como é nossa experiência de Deus?

2. Relatos e memória

Para conseguir destacar alguns elementos de nossa realidade é necessário: Recolher os relatos de memória e dos fatos da vida em que as Comunidades manifestam sua força. Deve-se dar preferência a algumas situações características do mundo atual: lutas, vitórias, resistência, mitos e rituais, sonhos e utopias, símbolos e gestos, etc.

Utilizar a língua e outras formas de comunicação próprias de cada Povo.

** (Para este fim deve ter em conta dois fatores fundamentais: podem ser acompanhadas por vídeos, DVD, fita cassetes, fotografias, data show, cartazes, desenhos... que serão utilizados durante o Encontro-oficina. Em todo caso, é necessário que a versão da cultura local seja acompanhada e monitorada por alguém da comunidade que tenha acesso ao universo sapiencial do Povo.).*

3. Mensagem

Nestas condições propomos que procure as possibilidades para conseguir uma mensagem com as seguintes características:

- Partir da experiência de cada cultura, e daí tentar ligar com a experiência de outros Povos.
- Ajudar a interpretação das explicações culturais dos Povos através dos intérpretes de suas sabedorias e de quem narra e vive seus ritos e lutas diárias (índio, missionário, antropólogo, etc.).
- Abrir caminhos de diálogo entre a mensagem/utopia das comunidades e a mensagem/utopia da Bíblia.

4. Alternativas

A partir de nossa condição de pequenos e humildes, buscaremos a solidariedade com outros setores da sociedade, tanto Abriremos caminhos para compartilhar interculturalmente, a partir de nossa condição de pequenos, que temos em nossas mãos a possibilidade de transformar o mundo e a história.

Cochabamba, 29 de março de 2004.

**V ENCONTRO LATINO – AMERICANO DE TEOLOGIA ÍNDIA
MANAUS, BRASIL, 21 A 26 DE ABRIL DE 2006.**

PROGRAMA

SEXTA FEIRA 21	SÁBADO 22	DOMINGO 23	SEGUNDA 24	TERÇA 25	QUARTA 26
ACOLHIDA	REALIDADE	PALAVRA INDÍGENA	MENSAGEM INDÍGENA	MENSAGEM INDÍGENA	ALTERNATIVAS DE VIDA
<p>Chegada, inscrição e alojamento.</p> <p>Organiza CIMI e Cone Sul</p>	<p>Espinhos e flores da atual realidade indígena (partilha)</p> <p>Organiza Região do Caribe</p>	<p>Mitos, ritos e experiência de Deus no mundo indígena</p> <p>Organiza o CLAI</p>	<p>Diálogo entre teologias indígenas e teologia cristã</p>	<p>Diálogo entre teologias indígenas e teologia cristã</p> <p>Organiza a Região Mesoamérica</p>	<p>Continua consensos e compromissos</p> <p>Organiza a Região Andina</p>
Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
INTRODUÇÃO	REALIDADE	PALAVRA INDÍGENA	RECESSO	ALTERNATIVAS DE VIDA	CONCLUSÃO
<p>Introdução de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pessoas • Temáticas • Metodologia <p>Organiza CIMI e Cone Sul</p>	<p>Aprofundamento da realidade</p> <p>Organiza Região Caribe</p>	<p>Aprofundamento dos mitos, ritos e experiência de Deus</p> <p>Organiza CLAI</p>	<p>Viagem pelo Rio Amazonas</p> <p>Organiza Equipe Local</p>	<p>Resistência e luta indígena para que outro mundo seja possível</p> <p>Organiza Região Andina</p>	<p>Festa de conclusão do Encontro</p> <p>Organiza Equipe Local</p>
Convivência	Convivência	Convivência	Convivência	Convivência	Convivência

ABERTURA

Num ambiente festivo por volta das 14.30 horas do **dia 21 de abril** tem começo o V Encontro Continental de Teologia Índia.

Cerca de 180 pessoas, de 16 Países com a presença de 50 povos indígenas.

Para contemplar o simbolismo das culturas indígenas escolhemos uma grande PENEIRA presa ao teto. Dos bordos da peneira descem até o chão fitas coloridas que simbolizam as regiões da AELAPI. Os/as representantes dos diferentes países se colocam juntos as fitas com a cor de sua região.

Haverá cantos e alguém fará curtos comentários.

Após ter organizado o grupo, segundo as fitas coloridas, os membros são convidados a sair para entrar introduzidos pela dança dos povos indígenas de Roraima e particularmente do povo Macuxi. O tuxaua Anísio convida um representante de cada povo para receber uma semente que irá colocar no carvão ardente chamando o nome do seu país de origem convidando seu povo a se manifestar com muita alegria. O ritual continua com o canto que vai chamando o nome da cada uma das nações presentes num clima de festa e muita alegria. Após o rito de purificação seguiu o ritual de acolhida e inserção para começar solenemente esse nosso encontro. A dança acompanha esse momento ao ritmo da flauta pan. Em seguida, são convidados os países que estão presentes, que se inserem na dança e, em seguida, pegam as fitas que descem da grande peneira pendurada ao centro da sala, segundo a cor de cada país (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guatemala, Guiana, México, Panamá, Paraguai, Peru, Venezuela, Alemanha e Holanda, Brasil). Nós fomos agora trazidos para à grande maloca, a casa de todos, o universo onde se vive a vida.

A diversidade das cores representa os vários povos que celebram a vida e a força dos pequenos que se constrói no trabalho do dia a dia representado na peça de artesanato do qual saem as fitas. Os povos Xukuru e Pankararu continuam através do canto antes, e depois da dança esse nosso ritual solene, que coloca cada um de nós no coração deste acontecimento que juntos viveremos ao longo dos próximos dias. Todos são convidados a repetir antes em português e depois em espanhol o lema do encontro: *"A força dos pequenos, vida para o mundo"*. Depois deste momento ouvimos algumas mensagens de pessoas convidadas.

Faz uso da palavra o **Pe. João**, do **Giprab**; saudando os presentes vindos de diversos países, povos e nações e invocando a luz de Deus, pai e mãe e a força do Espírito

sobre esse nosso encontro para que junto possamos construir uma convivência mais humana e fraterna.

Faz uso da palavra **D. Luis Soares**, Arcebispo de Manaus, Presidente do Norte I:

“Estamos contentes de vos receber para o Encontro de Teologia Indígena, nesta região onde há o maior número de povos indígenas. O tema que irão tratar neste encontro tem muito a ver com a criação, com a natureza, que você respeitam, porque a ‘teologia’ neoliberal está destruindo a natureza, e os povos indígenas nos lembram a força que os pequenos têm para resolver os grandes problema da Amazônia”.

Faz uso da palavra **D. Gianfranco Masserdotti**, bispo de Balsas e presidente do Cimi:

“Em nome do Cimi quero agradecer a presença de todos vós para a organização deste lindo encontro. O tema do mesmo nos lembra aquela passagem bíblica em que Jesus louva a Deus porque se manifesta nos pequenos. Ele escolheu a cultura dos pequenos para transmitir a sua mensagem. A teologia índia não é um sistema filosófico, mas é um saber e saborear. Eu convido a viver este encontro com um ouvido contemplativo e ativo, com atitude de discípulo e discípula. Lembrando as palavras de D. Zelinda, que em 2000 na celebração dos 30 anos do CIMI, agradecia a organização para ter ajudado a fazer sobressair àquela luz de Deus que já estava dentro de nós. Temos também que ter uma atenção política, porque o projeto neoliberal quer destruir”.

Toma a palavra **Lázaro Gonzáles**, do Conselho Latino Americano das Igrejas Evangélicas da América Latina:

“O conselho que represento segue com atenção este encontro no qual tem muita esperança para lutar contra esta cultura de morte”.

Toma a palavra **D. Filipe Arizmende**, da secretaria de Pastoral Indígena do Celam, que começa a sua intervenção com uma saudação em nome próprio, da diocese de S. Cristóvão de Las Casas, da Secretaria de Pastoral Indígena do Celam, além da conferência do México. Ele não irá apresentar todo o discurso que tem preparado, mas irá salientar algumas partes do trabalho que o Celam está fazendo para continuar essa reflexão promovendo a inculturação do evangelho entre os povos indígenas. Está-se preparando uma equipe que reflita e acompanhe este processo da teologia índia, promovendo a reflexão constante e tendo em conta os diversos contextos da cultura indígena e da neoliberal. Por isso é necessário que nos coloquemos numa atitude de escuta dos mais velhos, dos catequistas, dos povos indígenas, superando a

desconfiança e procurando construir um espírito de comunhão que exprima nosso amor a Jesus Cristo e à Igreja.

[Saudação ao V Encontro de Teologia Índia.doc](#)

Fazem uso da palavra o **Pe. Eleazar e Ernestina**, dirigindo à Assembléia algumas palavras de abertura do encontro:

”Aqui reunidos no coração da Amazônia, pulmão do mundo.
Chegamos dos quatro cantos da nossa grande casa.
Anahuac, Tawantinsuyu, Abayala, chamado agora América.
Homens e mulheres do milho, da papa, da mandioca, da banana.
Para falar da vida das nossas famílias e dos nossos povos,
Para partilhar as flores e os espinhos da nossa esperança e da nossa luta
Para sentir com mais força a batida do coração de Deus que caminha ao nosso lado.

Certamente somos as filhas e os filhos menores desta terra,
Os esquecidos e excluídos da mesa da vida, do progresso que outros constroem sobre nós.
Porém aos olhos de Deus mãe e pai somos os prediletos, àqueles que O podem reconhecer e adorar.
Os que carregam com o mundo. Os guardiões da vida.

Vimos para saber que não estamos sozinhos.
Que a morte não é o nosso destino final.
Embora os espinhos piquem e criem dor,
Apesar da repressão esteja a cair sobre nós.
Deus, nossa Mãe e Pai não nos criou para a morte.
Jesus nosso irmão, veio para que tenhamos vida e vida em abundância.
Os pobres e pequenos somos para Deus vida e santidade.

Aqui falaremos, conversaremos, dialogaremos,
Como próximos, amigos, irmãos,
Cerca do Dono – Dona da vida entre nós mesmos
Para encontrar uma palavra comum e o consenso
Para inflamar novamente os nossos corações
E acender os corações fatigados de irmãos e irmãs

Que sofrem incompreensão e violência.

Para afirmar com os nossos pastores

Que a ressurreição, que uma nova primavera está brotando,

Que nós podemos acelerar as mudanças para que haja logo um mundo novo cheio da vida que sonhamos: os pobres e pequenos.

Que este V Encontro Continental de Teologia Índia que agora inauguramos seja expressão de um novo passo na grande caminhada de nossos povos.

Até chegar à realização dos ideais de nossos avós e avôs, que são também os ideais de nosso irmão e Senhor Jesus Cristo.”.

Pe. Eleazar apresenta o V Encontro Continental de Teologia Índia, que tem quatro partes:

1) A realidade

Far-se-á uma apresentação global da realidade indígena do continente onde se fristem as formas de expansão do projeto imperialista e a Força de resistência e as alternativas que nascem dos pequenos. Da mesma forma vamos apresentar, através de nossa própria dinâmica, o que refletimos.

2) A palavra teológica dos nossos povos, mitos, experiências.

3) A mensagem e o conteúdo essencial da força dos pequenos; dia-logo com outras teologias.

4) O compromisso com o futuro.

Pe. Eleazar concluiu dizendo:

“Como povos indígenas, nós fazemos a nossa reflexão numa atitude de festa, de irmandade, de contemplação. Por isso precisamos trabalhar juntos para que o fruto deste encontro seja expressão do esforço de todos embora em alguns momentos tenhamos a ajuda de alguns peritos e a presença dos nossos pastores, para que possamos levar para os nossos povos, as nossas igrejas a força e a luz que brota do coração dos pequenos.”

Após alguns avisos, o Pe. Eleazar apresenta o primeiro dia. Ele convida o Pe. Tomás para explicar qual será o trabalho de amanhã (dia 22) dedicado à análise da realidade.

O trabalho será dividido em sete grupos que trabalharão sete temas. Irmã Hilda apresenta os sete temas que serão refletidos e convidou cada um se escrever escolhendo um tema.

Segundo Dia

(22. 04. 2006)

Realidade

**Região organizadora:
Caribe: Colômbia, Panamá e Venezuela.**

Rito de Purificação

A região Caribe começa o dia com um rito de purificação do povo Warao, delegação da Venezuela. O celebrante principal, invocando as forças positivas se prostra por terra. A força do mal permanece em pé para contrastá-lo. Após atrair os espíritos do bem, o celebrante usando os instrumentos apropriados: água, ramalhetes, tabaco, se dirige aos quatro pontos do mundo rezando e cantando para expulsar os espíritos maus (espinhos), para purificar todos os presentes e ajudar a assembléia a reconhecer que o mal impede a caminhada dos povos indígenas.

O espírito do mal se opõe ao espírito do bem e acompanha o celebrante em todo o ritual, mas enfim é vencido pelo espírito do bem. O celebrante agradece a Deus que lhe deu o poder de derrotar o espírito do mal e convida alguns dos presentes a danças para manifestar alegria e agradecimento ao Senhor do bem.

A nossa oração continuará na tarde com o rito que será proposto de alguns povos da Colômbia, apresentando as flores que os povos indígenas da América Latina encontram em sua caminhada.

Introdução temática e metodologia de trabalho:

José Tomaz introduz o tema do dia que prevê a análise da realidade (espinhos e flores) fazendo uma pequena motivação:

“Temos de apresentar a realidade indígena do continente para nos dar conta das formas de expansão do projeto imperialista e a força da resistência e alternativas que brotam dos pequenos.

Neste dia procuraremos que os nossos povos digam a sua palavra sobre o que mais nos atinge na conjuntura atual.

No tempo atual os povos indígenas de qualquer parte do mundo se encontram na encruzilhada histórica de sucumbir esmagados pela modernidade que nega e exclui a possibilidade de ser gérmen de vida ou força que se oferece para o mundo de hoje e para futuro.

Muitos são os desafios que pesam sobre os nossos povos e sobre àquele que se fizeram solidários com a nossa causa. Hoje, mais do que nunca, estamos amenizados pela implantação de um modelo de sociedade que coloca o dinheiro e o lucro acima da pessoa humana, que exclui e aniquila os pobres e se torna cruel com os povos indígenas ao propor-nos valores de troca segundo a lógica do mercado. Os poucos bens e recursos que as comunidades indígenas têm, estão sendo pressionados para

que entrem no mercado seja no bem como no mal. Os mega-projetos estão engolindo rapidamente as terras, os rios, a água, os recursos naturais, as plantas e o subsolo dos povos indígenas e como, se não bastasse, estão-se aniquilando as nossas sementes com produtos transgênicos impostos desde fora. As comunidades indígenas são objeto das miras do projeto neoliberal que quer para si a terra, as nossas matas, a água, os recursos naturais e o subsolo, mesmo aquele de nossas próprias comunidades, para devorar e aniquilar as nossas vidas para sempre. A nossa pergunta é: o que devemos fazer perante esta agressão declarada? Como se pode defender a vida do nosso povo perante este projeto devorador de minérios, matas e até da própria pessoa humana? Precisamos fortalecer a nossa coesão interna a partir das nossas identidades e da força que anima e da vida aos pequenos. É também um fato importante e inegável o número crescente de pessoas indígenas que sai de suas comunidades para as áreas industriais dos países e muitas vezes são mais os que saem dos que chegam nas comunidades ficando unicamente as mulheres, os anciãos, as crianças e os doentes. O despovoamento dos territórios ancestrais tem dimensões gigantescas e está atingindo negativamente a integração familiar, social e cultural dos que partem e dos que chegam. Devemos conhecer muito bem as repercussões das migrações indígenas como um movimento que destrói e desintegra, mas é também uma nova ocasião que nos pode ajudar a colocar em realce nossos povos indígenas nos contextos modernos como uma oportunidade de interação de povos e culturas diferentes que propicia o diálogo e o intercâmbio cultural ajudando-nos a sobreviver e a recriar nossas culturas na universalidade. O problema é buscar projetos alternativos que garantam as condições de auto-sustento alimentar.

Mas como defendermo-nos dos perigos que ameaçam os valores culturais no caminho migratório e como colaborar com as igrejas que recebem os migrantes indígenas para que os acolham nos seus espaços pastorais de acordo com sua idiossincrasia?

Outro problema angustiante é a questão dos indígenas envolvidos na sementeira, na guarda, no tráfico e no consumo de estupefacientes com a conseguinte degradação do mundo indígena? Existem já cadeias com indígenas que ingenuamente ou conscientemente entraram no narcotráfico e isso transtorna toda a vida do indígena e o põe ao serviço da morte.

A questão é: o que fazer nestas situações e que alternativas econômicas se devem encontrar para frear a narco - cultura que atinge as novas gerações da droga.

O que fazer no mundo de hoje para que a nossa identidade seja respeitada; como usar a modernidade sem renunciar a nossa identidade; como exigir o reconhecimento da

diversidade cultural que nos ajude num processo de inculturação autêntica que combata a perspectiva da monocultura imposta do pelo sistema dominante? Afinal é um conflito sério para os nossos povos conservar sua identidade cultural e poder frear o impacto das legislações dos estados entre os nossos povos, mas é prazeroso hoje poder contar com a força dos pequenos que é a flor bonita que oferecemos ao mundo e se torna visível na organização indígena e em sua participação política clara e evidente para que possamos apresentar os nossos lugares de vida como alternativa de futuro à destruição do mundo”.

A irmã Hilda explica a metodologia com a qual prosseguirá o trabalho de hoje: iniciará com uma exposição introdutória, seguirá a reflexão do grupo fazendo um apanhado de flores e espinhos dos quais iremos precisar na parte da tarde. A presença nos grupos das regiões é importante para depois escolher duas pétalas e dois espinhos com as quais iremos construir uma grande flor que representa a força dos pequenos para a vida do mundo.

GRUPOS DE TRABALHO

Para o encaminhamento deste dia, 22 de abril, vamos organizar sete grupos de trabalho, para aprofundar cada um dos temas propostos.. Com antecedência cada país foi notificado para preparar uma exposição de cerca 30 minutos sobre o tema correspondente. A partir da apresentação queremos motivar um debate em cada grupo tendo como objetivo identificar a Força dos Pequenos a que vamos chamar de flores e a agressão dos grandes que chamaremos de espinhos.

TEMAS	PAÍS RESPONSÁVEL
1. Identidade Cultural dos Povos Indígenas	Eleazar López Hernández
2. Legislação dos Estados e seu impacto nos Povos Indígenas	Raquel Peralta
3. Migrações, Deslocamento Forçado e Mobilidade Humana nos Povos Indígenas.	José Tomás González
4. Organização indígena e Participação Política	Lázaro González
5. Terra, Território e Recursos Naturais.	Serafina Ferreira
6. Narcotráfico e seu impacto nos Povos Indígenas	Macario Zurita
7. Amazônia e futuro da humanidade	Cimi

Terceiro Momento: PLENARIA POR REGIÕES

Os trabalhos se realizam nos sete grupos temáticos.

Num primeiro momento um expositor apresenta o tema durante cerca de 30 minutos, [\(para acessar à exposição de cada tema, clique nos link pressionando a tecla Ctrl\)](#);

Em seguida o grupo completa e comenta. A reflexão continua tendo como chave a identificação da força dos pequenos: FLORES; e as agressões dos grandes: ESPINHOS.

[1. Identidade cultural dos Povos Indígenas](#)

[2. Legislação dos estados e seus impactos sobre os povos indígenas](#)

[3. Migrações, deslocamento forçado e mobilidade humana nos povos indígenas.](#)

[4. Organização indígenas e participação política](#)

[5. Terra, território e recursos naturais.](#)

[6. Narcotráfico e seus impactos nos povos indígenas](#)

[7. Amazônia, futuro da humanidade.](#)

Na parte da tarde continua o trabalho por regiões continuando a partilha da manhã.

Tarefa do grupo é selecionar duas flores e dois espinhos para apresentar na plenária.

PLENÁRIA:

Na segunda parte da tarde se realiza a **plenária**, formando das duas pétalas e dos dois espinhos de cada grupo temático, uma grande flor com 14 pétalas e 14 espinhos.

IDENTIDADE:

- ❖ Cresce na sociedade toda o assumir da própria identidade
- ❖ Nas sociedades indígenas crescem o assumir a identidade e valorização da espiritualidade
- Programas visando a integração e a assimilação
- Tentação de se integrar ao mundo dos brancos

LEGISLAÇÃO:

- ❖ Organização e luta em favor de seus direitos
- ❖ Retorno às raízes: voltar aos seus costumes, hábitos, pensamento.
- Mega projetos e seus efeitos desastrosos
- Divisões internas entre as comunidades, movimentos, etc. resultado do sistema que está sendo imposto da realidade neoliberal.

MIGRAÇÕES:

- ❖ Organização e participação dos povos indígenas na política, igrejas, movimentos sociais.
- ❖ Crescimento da consciência
- Banalização dos símbolos sagrados
- Crise de identidade

ORGANIZAÇÃO INDÍGENA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

- ❖ Tomar consciência
- ❖ Apossar-se do seu projeto de vida
 - Divisão interna e externa dos povos indígenas
 - Assistencialismo

TERRA, TERRITÓRIO E RECURSOS NATURAIS

- ❖ Acompanhar os projetos sociais
- ❖ Autonomia dos projetos nacionais
 - Falta de integração do trabalho pastoral de América Latina
 - Falta de recursos

NARCOTRÁFICO E SEUS IMPACTOS

- ❖ Resgate da cultura e do pensamento indígena
- ❖
 - pobreza, dependência
 - violência

AMAZÔNIA:

- ❖ Crescimento consciência e identidade e ligação com a terra
- ❖ Fortalecimento da organização dos povos indígenas, da igreja, das associações.
- Desunião no mundo indígena
- Grandes projetos

SÍNTESE APRESENTADA POR SAULO:

- Houve um **primeiro eixo** que são as flores ou pétalas: entre eles destacamos o reforço da Identidade cultural, a organização indígena, a participação política, a conquista da terra e o uso dos recursos naturais.
- Temos o **segundo eixo** caracterizado pela intervenções externas e que constituem os espinhos, como: Legislação dos estados e seus impactos nas populações indígenas, as migrações forçadas, o narcotráfico,
- A partir destes dois eixos temos duas visões opostas quanto à **Amazônia**: de um lado a casa grande generosa com seus filhos pela grande biodiversidade e recursos e do outro é a Amazônia cobiçada porque olhada como fonte de recursos para serem vendidos para fora; terra a ser despojada e destruída em pró do lucro de poucos. Amazônia e seu futuro é um tema transversal onde podemos encontrar flores e pragas:
Para quem vive nela é generosa biodiversidade
Para quem a explora é negócio e destruição.
Uma praga comum é o projeto neoliberal e nós a identificamos quais são os males representados nos mega projetos, além do uso que o projeto neoliberal faz dos povos provocando através do individualismo, da perda de identidade, a autodestruição dos pobres, dos pequenos, dos povos indígenas.
- **Conclusão:** As flores são identificadas como nascida dentro da própria casa, cultura, território; dentro do próprio povo. Por isso que as próprias alternativas, os caminhos para resolver os nossos problemas, para garantir o futuro da Amazônia: a chave de tudo isso está dentro de nós, no próprio povo. Se nós esperamos de colher flores, as devemos colher no nosso próprio jardim, cultivando as flores com adubo orgânico e não químico, no jardim da utopia, do sonho; Não no jardim neoliberal onde as flores não existem.

Celebração da tarde.

Os trabalhos do dia têm como conclusão a celebração proposta pelos nossos irmãos da Colômbia. Rito Nepua. Preparando cada indígena a entrar em harmonia com a criação, a terra, o universo. Coloca água nos pés que tocam o chão e ficam em contato com terra/ criação. O sopro do espírito inspira os poderes sobrenaturais, mas se a pessoa não está aberta o trabalho do medico fica nulo. A cada semana cada liderança indígena tem de passar pelo “medico tradicional” para continuamente purificar a sua força interior e manter viva a força espiritual do povo que é patrimônio de cada pessoa.

Para ler mais contribuições para as reflexões do segundo dia, clique em um dos itens abaixo:

[AMAZONIA](#)
[LEGISLAÇÃO](#)
[MIGRAÇÕES](#)
[IDENTIDADES INDÍGENAS](#)

**Terceiro Dia
(23. 04. 2006).**

**A palavra de Deus
na palavra indígena:
mitos, ritos e história.**

**Região organizadora:
CLAI-Conselho Latino americano de Igrejas**

O dia começa com a **celebração da missa inculturada** presidida por D. Gianfranco Masserdotti, presidente do Cimi. Após a bênção da água e a purificação com a defumação, escutamos a proclamação do Evangelho do segundo domingo da Páscoa, primeiro em espanhol e em seguida em português.

O Pastor **Lázaro** em sua intervenção sobre a palavra de Deus convidou-nos a não ter medo diante dos desafios que nos atormentam porque junto as nossas comunidades e com ajuda e força de Deus possamos viver a esperança, a alegria e a vida que brotam da Ressurreição.

D. Gianfranco: Repetimos duas vezes a leitura do Evangelho que a liturgia nos propõe. Olhando um pouco a riqueza do ser humano, como um conjunto de varias dimensões, é como uma sinfonia de músicas que se entrelaçam entre si e que sintetizo em três vertentes:

Exterior: relação com o mundo, parentes, as realidades;

Interior: o que está dentro de nós, a relação com os antepassados, os antigos, a sabedoria, a tradição;

Profundidade: espiritualidade, mundo profundo que temos dentro de nós e que nos permite de responder as grandes questões e nos dá força e energias novas para continuar no caminho da vida. Gostaria de identificar esta profundidade naquela paz que Jesus deseja aos seus discípulos. Não é a paz da morte, da ilusão, mas a da vida que nos permite caminhar com serenidade para ir mundo afora construindo o reino da fraternidade, da solidariedade, da justiça, da vida. Quando esta paz é vivida por um povo ela se torna política. O que nestes dias nós estamos realizando aqui, refletindo e saboreando sobre teologia índia, é procurar construir uma paz verdadeira. Uma impressão pessoal sobre Tomé, visto como incrédulo. Eu quero defender ele, porque ele pede os que os outros já tinham pedido antes dele chegar. Se ele chegando tivesse encontrado os apóstolos de portas abertas e não fechadas como os encontrou teria acreditado. E aqui o desafio de não continuarmos de portas fechadas, mas abertas, construindo espaços a partir das nossas experiências culturais, dos nossos povos possamos realizar a Páscoa, aquele sonho que os nossos povos buscam e que se torna compromisso político de testemunhas da ressurreição. No final da celebração antes da bênção acolhemos e saudamos o pastor Hans Trein da confissão Luterana que

expressa sua alegria de estar conosco para partilhar quanto nestes próximos dias será refletido e saboreado acerca da teologia índia.

Após a celebração tem um breve recesso e começa o trabalho do dia.

Lázaro, do Clai, introduz o dia dando a palavra ao Pe. Eleazar:

Na realidade nós analisamos ontem flores, espinhos e pragas.

Nós constatamos a dificuldade que o mundo nos coloca, mas não é só no mundo, também entre nós, entre irmãos não somos entendidos. O fato é a determinação de Roma de parar com a ordenação de diáconos permanentes na igreja particular de S. Cristobal de Las Casas. Hoje temos a alegria de ter entre nós aquele que é a cabeça dessa Igreja, D. Felipe, que irá nos dirigir algumas palavras de esclarecimentos sobre essa situação.

DOM FELIPE: *“Eu cheguei há seis anos à diocese, e o meu predecessor e seu auxiliar ordenaram mais de 200 diáconos permanentes. Segundo uma jornalista os dois teriam ordenado algumas mulheres. Em junho de Roma recebi da Congregação do Culto Divino um convite a rever e avaliar algumas situações da Diocese e a não ordenar por algum tempo mais diáconos. Quais são as razões para esta atitude. Num primeiro tempo era motivado pelo fato de incentivar a vocação sacerdotal. Em seguida parece-me que a questão é de desconfiança para o crescimento da Igreja autóctone, mas nós estamos afirmando que não queremos uma imagem de igreja diferente daquela que o Concilio Vaticano II nos deixou.*

Infelizmente uma agência (Agiprensa) do Peru, publicou a carta fazendo afirmações que não estão na carta, e outra que simplesmente publicou o texto sem me dar a possibilidade de dizer uma palavra sobre a mesma. Só a ZENIT nestes dias.

Qual é a atitude da Diocese: a de sofrimento, de oração. Na peregrinação de março os diáconos e os candidatos ao diaconato afirmaram que eles vão continuando a servir a Igreja com o sem cargos. Nós todos ficamos admirados e comovidos com tanta maturidade de fé”.

[Documento sobre os diáconos na íntegra](#)

O **diácono Calixto** da Bolívia começou sua intervenção com as palavras: “nunca mais uma Igreja sem índios”. Em seguida entregou ao Bispo um símbolo da Igreja inculturada.

D. Gianfranco Masserdotti em nome do CIMI exprime toda a sua solidariedade nesse momento de sofrimento. Também aqui temos o problema da igreja local, mas penso que também se deve continuar a reflexão teológica sobre a ministerialidade e a celebração de nossa vida e do seu sentido sagrado que já existe nela.

O **Pe. Vico Vitoriano** da Bolívia chama a atenção sobre o sentido do diaconato. Todo esse processo é um desperdício de forças que só vai debilitando a Igreja, por isso é bom continuar fortificando esse espírito de ministerialidade que já é presente na sua essência.

O **Pe. Eleazar** concluindo esse primeiro momento afirma que ele próprio está suspenso do seu serviço pastoral e obedeceu para poder continuar no espírito de comunhão e no futuro voltar a poder dizer uma palavra e continuar no diálogo.

[Dados sobre o caso de P. Eleazar](#)

Lázaro conduz a continuação dos trabalhos afirmando que perante da dramática situação que nos foi apresentada ontem à noite e das dificuldades que encontramos no dia a dia, queremos ir à Bíblia e aos nossos mitos para encontrar luzes que nos guiem em nosso caminho. Iremos, portanto reunir segundo as cinco regiões partilhando todas essa riqueza que na parte será apresentada em plenário.

Pe. Eleazar: “É o momento da palavra, vamos apresentar os nossos contos, que nos ajudam na nossa caminhada de povo, pondo em ressaltado a vida, a força dos pequenos”.

Os grupos se reúnem por região e cada um deles, a tarde, partilha dramatizando os resultados de sua reflexão:

Mitos, Ritos, Experiência de Deus hoje

A partir das experiências dos espinhos e flores na caminhada dos nossos povos, explicitar a experiência de Deus nestas lutas a partir dos MITOS, RITOS e relatos da experiência de Deus em sua vida e história.

Estas experiências serão apresentadas a través de dramatizações, fotos, vídeos.

Relacionando as experiências das ESPINHAS e FLORES no caminhar dos nossos povos explicar as experiências de Deus nessas lutas através de Mitos, Ritos e Relatos dessas experiências de Deus.

Cada região vai escolher um ou mais relatos, entre os mais representativos para partilhar com a assembléia.

Região andina

A RAPOSA E OS SAPINHOS

Um dia a raposa se apresentou com uma atitude maliciosa e gozando a multidão dos sapinhos que num primeiro momento olharam para ela com muito medo, mas por serem multidão tomaram coragem e zombaram dela.

Então a raposa os desafiou dizendo: “vos convido para uma corrida na mata e quem ganhar deve oferecer água doce da colina por compaixão com o perdedor”.

Os sapinhos, apesar do medo aceitaram, porém a raposa como estratégia para ganhar propõe que seja na escuridão e os sapinhos aceitaram com gosto porque confiavam na luz da mãe lua.

Numa assembléia clandestina os sapinhos nomearam os seus representantes e se organizaram espalhando-se por todo o trajeto desde o começo até à chegada que era na colina. No momento da partida surge o sol e começa a corrida.

A raposa na primeira etapa respira pergunta: “sapinho, onde estás?” e o sapinho lhe responde: “estou ganhando!”. Então a raposa incrédula corre mostrando toda a sua força.

Na segunda etapa outra vez pergunta: “sapinho onde estás?” e o sapinho disse a mesma coisa: “estou te ganhando!” e assim sucessivamente o sapinho aparece como ganhador e a raposa, como sempre perdedora. Então os sapinhos descansados bebem água doce debaixo da luz da mãe lua e logo oferecem à raposa água doce, não por compaixão, mas sim, por serem dignos ganhadores e celebrando a vitória, enquanto a raposa volta com o rabo entre as pernas com a pior humilhação.

Nota: a raposa é o animal que simboliza o ser astuto, inteligente, poderoso, individualista; porém nos contos e nas lendas é sempre perdedor.

O sapo é um animal que simboliza a abundancia, a economia, sorte, fertilidade, “pachamama”(mãe terra) e que está carregado de muita coragem perante toda a ameaça de morte.

Região Mesoamérica:

A FORÇA DOS PEQUENOS E DOS HUMILDES: É VIDA PARA O MUNDO

INTRODUÇÃO.

A força dos pequenos e dos humildes é vida para o mundo; é o que queremos oferecer com esta contribuição que é fruto do esforço das nossas comunidades que vivem no contexto da globalização. São os mitos que sustentam e defendem seu prometo de vida.

Por isso apresentamos o nosso humilde trabalho, como sinal da vida dos nossos povos, com o objetivo de mútuo enriquecimento porque sabemos que as nossas comunidades compartilham com alegria o que tem.

Para iniciar esta partilha, vamos apresentar, brevemente, a vida de um dos pequenos e humildes povos da nossa querida Guatemala, o povo Santiago Sacatepéquez do departamento da Guatemala situado há 35 do Departamento de Guatemala, situado a 35 quilômetros da homônima cidade. Um povo sincero e humilde, mas Maya e, sem dúvida, riqueza para o mundo.

“A FORÇA DOS PEQUENOS E HUMILDES: RIQUEZA PARA O MUNDO”

Esta é uma verdade que hoje estamos constatando e descobrindo em nossa história, mitos e ritos, tradições. É no pequeno, no humilde, no que não aparenta valor, é aqui que se encontra a força dos nossos povos, é aqui que está a vida, a verdade e o sentido da existência. Graças a estes tesouros ocultos, graças ao aporte dos anciãos e das crianças, dos jovens, das mulheres que elaboraram, conservaram e transmitiram a história a través a linguagem peculiar que são os mitos.

O presente material oferece os mitos próprios do povo Maya, que destacam personagens que se caracterizam pro sua pequenez, humildade, como o grilo e seus companheiros os gafanhotos, as formigas, as abelhas, as cabas, as borboletas como no caso do primeiro mito e do segundo da princesa Ixquic que representa a mulher,

considerada pela sociedade como o ser mais fraco e incapaz e por tanto pequeno. Nos dois casos a vida é gerada e continua por causa do papel que desenvolvem cada um destes personagens. E tem mais: os nossos personagens lutam contra a força do mal e conseguem ganhar porque a estratégia que utilizam não se baseia na razão da força, mas sim na organização, na união, no consenso que é resultado da participação de todos sem exclusão.

Saboreamos, por tanto, o pensamento mítico dos nossos povos, que a partir de seu contexto histórico, apresentam uma mensagem válida para todos os povos em todos os tempos.

[Clique aqui para ver texto na íntegra](#)

Cone sul

MITOS

CHILE:

Todos os nossos mitos estão profundamente vinculados com a natureza. Todos contam que alguma vez nosso pai e mãe azul do céu falou com algum elemento da natureza: terra e mar, então, nós ao dirigir-nos a ele o fazemos através da natureza isso para pedir a harmonia e o equilíbrio com o cosmo e com o espírito. Outro lugar onde encontramos a força espiritual é na floresta. Temos uma historia onde se diz que numa determinada floresta havia uma serpente boa e uma serpente muito má que só queria exterminar os homens. Uma vez houve uma grande luta entre elas na qual venceu a serpente boa e assim deu continuidade à humanidade.

BRASIL – GUARANÍ:

Terra sem males. Desde o principio se tem procurado esta terra onde há muita comida e, sobretudo muita paz. Hoje, esta terra sem males é difícil encontrá-la aqui neste mundo porque toda a nossa natureza está sendo destruída, por isso hoje buscamos esta terra sem males no mundo espiritual e divino. Os religiosos/chamas alcançam a terra sem males, onde há alimentos e também som sagrados (água, cana doce, frutas), sem morrer; isso se alcança mediante o canto e o sonho. Isto é possível a nível espiritual.

Uma história “os GUARANI do BRASIL (Espírito Santo)”.

O meu povo veio de Paraguai e Argentina. A minha avô é natural de Mato Grosso do Sul. Ela buscando um lugar sagrado nos tem feito andar muitos anos, porém não chegou ao seu objetivo final porque os seus filhos e netos lhe causaram muitas preocupações e ela ficou doente e morreu, por isso, também, vamos perdendo a nossa cultura. Ela iniciou esse caminho porque nos seus sonhos era guiada pelos espíritos.

SOL E LUA: em principio eram seres humanos; se tratava de dois irmãos. Uma vez foram visitados por um moço que lhes perguntou se sabiam brincar com arco e flechas; disseram: podemos tentar. O moço lhes lançou um desafio: quem o atirasse mais alto seria o sol, e quem o tirasse mais baixo seria a lua. Eles discutiam porque ninguém dos dois queria ser a lua para não ficar só na noite, porém ele os animou muito dizendo: nunca ficarás só porque o Pai estará sempre convosco. Foi assim que um se converteu no sol que denominamos Ñamandu e outro na lua, Jajy.

O ECLIPSE DA LUA: um dia os irmãos, sol e lua decidiram tentar o diabo e enquanto ele pescava, o sol entrou debaixo da água e esticava o caniço de pesca do diabo e este estava entusiasmado pensando que se tratava de peixe. Logo o sol disse a seu irmão, a lua que fizesse o mesmo, mas como ela era tonta foi caindo no anzol do diabo que a pescou, a comeu para o seu jantar. O seu irmão, preocupado recorreu ao Espírito que foi pedir ao diabo os ossos e assim os conseguiu. O Espírito amontoou os ossinhos da lua e lhes devolveu a vida. Assim teve origem o eclipse da lua.

ARGENTINA – TOBA QOM: “Rapiche” uma deusa que faz parte das sete camélias. Uma vez o povo se enganou e falou com Deus, por isso seria castigado. O cacique sonhou que como castigo, o fogo iria exterminar tudo, então ele começou a chorar e a desespera-se, porém não disse nada de nada até que um dia a deus Rapiche desceu do céu para consolar o cacique e fez um pacto párea com ela: cavar um grande poço e por três dias colocar ai a sua gente para se salvar do fogo. Assim ficou livre do grande fogo que acabou com tudo. Depois de três dias saiu daí e parte do pacto era que não deviam olhar para trás, mas alguns desobedeceram e se converteram em animais. O cacique também havia recebido uma vara como sinal do pacto. Este mito ensina o

grande respeito para com a natureza porque os animais eram seres humanos. Cada um que se convertia num animal ganhava uma árvore.

PARAGUAI: A luta de Ajtit´a contra Shtavuun.

Então regressou Ajtit´a, à sua aldeia e disse à sua gente que tinha morto a Shtavuun. Eles se puseram de acordo e decidiram: “ Vamos onde está Shtavuun para nós ver também”. A seguir começou a sua viagem a pomba, mas não conseguia chegar porque era muito longe. Tentaram chegar todos os pássaros que voam rápido e enviaram também o bejaflor, mas nenhum deles conseguiu chegar. A mesma coisa aconteceu com os outros pássaros que foram enviados. Disse Ajtit´a: “Onde o matei é muito longe”. Então disse um pássaro chamado Tsimaja T´oot: “Vou ir eu”. E todos se riram dele, pois Tsimaja T´oot é um pássaro que voa lentamente, por isso eles pensavam que seria impossível ele chegar porque os pássaros que voam rapidamente não tinham conseguido chegar. Porém Tsimaja T´oot não fazia caso do pessoal e começou a sua viagem. Voou com muita cautela e as pessoas gozavam dele: “Ahahaahah! Volta! Cria vergonha! Não conseguirás chegar aonde queres ir”. Porém ele se adentrou intrepidamente nas alturas do mundo e olhando em baixo de muito perto pude ver Shtavuun. Então desceu onde estava Shtavuun e chegando lhe arrancou uma pena que levou na volta. Chegou onde estavam os Nivaclé e lhes contou que tinha chegado perto de Shtavuun e mostrou a pena que não deixou lugar para dúvidas.

Amazônia de fala Espanhola:

MITO KUKAMA:

P. Luis Silvano Ahuanari

PERU.

Deus é apresentado como uma Pessoa que fala, caminha e aparece nas casas do interior. Toma forma, às vezes, de animal, ou pássaro.

Como nasceu o milho?

Um dia um ancião se apresenta Numa chácara e pergunta ao dono: “O que estás fazendo?” O homem responde brincando: “estou cortando árvores!” O ancião diz: “Aqui somente vai crescer árvores e capim” e vai embora. Chega Numa outro sito e repete a mesma pergunta. O dono responde:” Estamos semeando milho!” O ancião responde: ”Aqui vai ter sempre muito milho.” No dia seguinte tinha milho em toda parte e também mandioca.

Deus pegou forma de pássaro e estava cantando. Uma família está construindo uma canoa. O pássaro aparece e diz: “ Que estão fazendo? Faça uma canoa muito grande em que toda a tua família possa caber!” Os outros acham graça, mas esta família faz a canoa. Um dia começa a chover e Chone muito e não para até que tudo alaga. Os que não tinha canoa grande se afogaram e somente se salvou a família que tinha a grande canoa.

Depois de uns dias, para ver se as águas tinham baixado, o chefe da família preparou uma flecha, preparou uma Ponta e a jogou com o arco. Onde a faisã caiu as águas se separaram e apareceu a terra seca. Toda a família desceu ai e assim nasceu o povo Kukama.

Outra vez Deus pegou aparência de um jovem. Numa chácara viviam muitas moças bem jovens que eram irmãs. O jovem aparece e pergunta o que elas estão fazendo. Elas respondem que estão tecendo envira. O jovem se apaixona pelas moças. Pergunta à mais velha se queria casar com ele. Ela recusa porque era mal vestido e tinha sarna. A irmã menor aceitou e foram junto até o porto lá no vale. O jovem toma banho e aparecem ao redor dele um bando de peixes que limpam a sua pele. Quando o jovem sai do banho está limpo e bem bonito. Os dois voltam para casa e todos se admiram. Lá viveram juntos.

Colômbia

MITO UITOTO:

Irmã. Judith

COMO NASCERAM OS CLANS

Antigamente todos eram do mesmo clã. Eram muito e não conseguiam se entender. Aparece uma grande sucurijú vinda do rio que falou assim: “Vocês são um povo numeroso e vivem na mesma aldeia. Vamos ver se não tem mais comida em outro lugar, lá no Amazonas. Todos montaram num grande tronco e foram andando. A sucuri pergunta:”Querem ir para cima ou para baixo?” Pediram para pensar. Um velho cacique que chefiava o grupo pediu para iniciar no rio acima.

A sucuri pergunta de novo: ”Estão levando tudo? É bom levar porque com certeza vão ficar ao longo do caminho. Voltaram para pegar as suas coisas. Pegaram panelas,

arcos para pescar, terçados. Iam remando e subindo o rio e o cacique sugeriu que era melhor se dividir porque eram muitos. A mais.

Os jovens tinham que se casar entre irmãos sendo do mesmo clã.

Perguntaram-se: "Como vamos nos separar?". O cacique sugeriu: "Vamos cortar a sucuri em pedaços. Os que estão na cabeça vão se chamar de "mûka", que quer dizer os pensadores. Os que estavam sentados aí (no pedaço da cabeça) ficaram. Aí cortaram. A sucuri seguiu para frente sem cabeça e sem olhos. O mais velho vai à frente guiando porque a cobra está sem cabeça e sem olhos. Daí a pouco cortaram outro pedaço. Este povo vai se chamar "nipode" que quer dizer sustento, equilíbrio, força da etnia. Os que estão no meio onde se concentra a força fiquem aqui com todas as suas coisas.

Faltam dois pedaços. Foram mais rio acima. O mais velho tem que ir à frente porque a cobra não tem mais olhos e nem força. Mais acima diz que temos que parar. Cortam outro pedaço. Aqui vão os que se chamam "we" que significa manta, cobertura. Os do último pedaço, a cauda, dizem: "Como somos poucos o que vamos fazer"? Vamos ficar aqui. Mas não, temos que ir para frente. Este clã não tem ancião, mas só uma Pessoa de idade intermédia.. Então este clã se chama "murui", os que comem tudo. Por isso este último clã é o defensor porque o rabo é a defesa dos animais. Cada um dos jovens é caçador e sempre leva um bastão para se defender das onças.

Assim termina a criação dos clãs e assim terminou a sucuri. Por isso o rio Caquetá nunca secará, mas terá praias para que as tartarugas coloquem ovos para que o povo que ficou na margem do rio se alimente. Por isso entregou a montanha, a floresta que tem comida e água em abundância. Por isso entre clãs diferentes é possível casar-se.

(continuação DOMINGO 23 à tarde)

Colômbia

MITO BARI:

ORIGEN DO POVO BARÍ.

Sabaseba, que significa vento suave, é um ser sábio, poderoso, trabalhador, organizador. Sabaseba vinha todo o dia do lado onde o sol nasce vinha nesta terra para ordená-la e arrumá-la porque estava em desordem; organizou as montanhas e a parte plana até deixá-la pronta para ser habitada. Sabaseba trabalhava com o seu terçado;

sentia sede, sentia fome, se cansava e então descansava e voltava a trabalhar. A única coisa que existia eram pinheiros. Sabaseba escutou um barulho dentro delas Como fosse gente que ria. Com muito cuidado colheu uma pinha em suas mãos, abriu-a e dentro encontrou uma família: pai, mãe e filios. Tinha pinha que eram casas, de onde saíram os ijchibarí, gente que vive nas montanhas; tinha dos bons e também maus. Os Bari saíram de uma pinha grande amarela. Sabaseba abriu muitas pinhas e delas saíram muitas pessoas. Quando já tinha o suficiente lhes disse:

“Vocês vão se chamar bari, viverão sempre alegres, trabalharão juntos, viverão unidos pescarão e caçarão em comunidade. Respeitem o que é dos outros, Sejas amantes da verdade. Defendam a terra, cultivem-na para que seus filios não passem fome, para que não sofram”. E assim Sabesaba deu uma série de conselhos para viver em comunidade. Depois disso Sabesaba distribuiu o pessoal em várias comunidades e os espalhou em toda a terra para que a cultivem.

Os bari não tinha água; para poder beber cortavam um cipó na montanha. Sebaseba, andando no monte escutou barulho Numa arvore e pediu aos seus ajudantes de cortá-la. Daí saiu muita água. Da raiz se formou o mar, dos ramos maiores se formaram rios grandes e dos ramalhetes os menores e da cortiça saíram todo tipo de peixes.

INTERPRETAÇÃO:

1. - Sabaseba significa vento suave, é sábio, trabalhador, organizador. É uma Pessoa suave, acolhedora.

Que não se altera com nada.

.-Os Bari são um povo pacífico. Solo quando se sentem ameaçados, atacados, revidam. Antes o povo não se embebedava, agora alguns jovens sim. É um povo alegre, trabalhador, organizador e tem orgulho da sua identidade.

.-O mito mostra que a força dos pequenos está na unidade, na alegria, na organização, no trabalho em conjunto. É um povo bem organizado. Na pescaria o povo todo participa: os homens fazem barragem na parte alta do rio com pedras e as mulheres a parte baixa. Inclusive usam folhas para vedar por completo, até formar uma represa. O povo todo colabora incluindo as crianças que recolhem os peixes; as mulheres tiram as escamas. Esta atividade pega o dia inteiro. Quando o trabalho termina, se uma família conseguiu pouco peixe o restante reparte e completa para que todo mundo tenha o

suficiente. Tem uma organização extraordinária: a força dos pequenos está na unidade, na organização, na capacidade de partilhar.

Pescam com flechas e não utilizam veneno; desta forma não acaba com o peixe e se respeita a natureza. Há um chefe que coordena a pesca porque assim ordenou Sabaseba. Antes de começar o chefe faz uma oração pedindo à sabaseba que os ajude a fazer uma boa pesca e eles consigam bastante comida para a comunidade.

Acreditam que os peixes, na água, estão organizados por famílias e cada qual respeita o território do outro. As sardinhas estão perto das margens do rio, outros peixes vivem abaixo dos paus e os peixes grandes onde a água é mais profunda. Cada espécie de peixe tem seu chefe e não se misturam entre si.

Sabaseba é muito trabalhador. Os Bari dizem que trabalham para comer e não vivem para trabalhar.

Sabaseba vem de onde nasce o sol, de onde vêm as boas notícias; ele anda suavemente no ar; ele sente fome, sede, conversa com as pessoas, é muito humano, é um de nós.

Este é um povo que dialoga e escuta; aprendeu de Sabeseba a dialogar e escutar; todo o problema é solucionado pelo diálogo, com a guerrilha, com as petroleiras, com as carvoeiras. Tentaram diálogo com este pessoal de toda maneira. Somente quando se sentem atacados e prejudicados é que reagem com decisão.

Quando chegou a primeira petroleira, para não serem ouvidos amarraram folhas nos pés e andaram na beira do rio sem deixar pegadas. Sabaseba lhes dizia como deviam se defender dos grandes. Os pequenos são muito alegres porque Sabaseba se comunicou com eles a través do mito, apesar das invasões, perseguições, das transnacionais.

2. - Os Bari se integraram ao cristianismo e celebram todos os sacramentos. Participam da Confissão e celebram a Eucaristia. É um povo que não sente conflito com o cristianismo. Sentir a vida de Deus

Na natureza e não somente nas pessoas; para eles os animais tem espírito, assim os peixes, as árvores. A água, as plantas. Também existem espíritos maus que são responsáveis de muitas doenças das pessoas. A espiritualidade indígena se misturou com o cristianismo.

Os Yekuana não queria contar nada. São muito fechados. Nós como missionária não podemos fazer a síntese. O nosso papel é transmitir elementos cristãos. Eles é que farão a síntese. Para eles os brancos não devem entrar no campo religioso. Nossa cultura é sagrada. Alguns Yekuana dizem: "Se o cristianismo é tão parecido com a nossa cultura porque o cristianismo é tão necessário?"

Os Uitoto aceitam o cristianismo, porém não o misturam com sua religião. Aceitam o batismo porque tem um ritual parecido. Quando lhes falamos de batismo dizem que eles tem um ritual com água para limpar-se do mal, da sujeira do monte. Quando nasce uma criança ela nasce com esta sujeira. Para limpá-la tem que realizar um ritual com água. Os Uitoto aceitam o cristianismo. Tem um ritual parecido com a Confirmação. Aos 15 anos o rapaz tem que defender a sua cultura e tem de mastigar a folha de coca porque durante o dia o mal circula e por isso se mastiga, para viciar. No momento de receber Jesus tem que limpar a boca porque não é bem misturar, Jesus não se mistura com o mal, tem seu caminho. São dois caminhos paralelos. tem os mandamentos, o matrimônio. As irmãs queria colocar o "manguaré" como sino, mas eles disseram que o manguaré é um instrumento indígena e tem que estar na casa da assembléia e não na igreja. Não se pode colocar a coca no sacrário; então também o que é nosso não devem entrar. Sendo católicos não podemos mudar as crenças Uitoto.

Venezuela

MITO DOS WARAO -

Os Waraos viviam lá em cima das nuvens, comiam e trabalhavam nas suas roças. Passando o tempo houve escassez de alimentos para eles. Um certo dia um jovem bom de braço foi caçar chegou a uma roça, quando chegaram nela encontrou um passarinho chamado Cristofué . o jovem bom de braço pego no arco e na flecha, apontou e atirou mas não acertou no passarinho. Então a flecha se perdeu no mato e o jovem procurou a flecha e a encontrou espetada na terra. Tentou tira-la porém não foi possível, então começou a cavar ao redor dela, mas de tanto cavar a flecha caiu no vazio; o jovem bom de braço olhou para o buraco e pensou como descer até ela. Foi na sua casa e contou para a mãe a história da flecha. Depois a mãe trançou uma corda para poder descer na

terra. No dia seguinte desceu à terra, encontrou vários animais, plantas, e muitas coisas mais e ficou por lá dois dias. Enfim subiu com tudo quanto tinha pegado e levou tudo ao grande Wisidatu, o Wisato ficou maravilhado por ter conseguido tanta comida. O jovem falou para ele que lá em baixo havia muita comida, os grandes Wisidatos, não acreditaram nele então, o jovem convidou-os para que o acompanhassem naquele lugar aonde ele tinha descido. Enfim eles acreditaram no jovem e convocaram a assembléia geral onde concordaram que dentro de três dias iriam descer à terra. Ao chegar o dia para descer se reuniram num lugar onde eles iam descer a terra onde foram descendo pela corda, todos desceram, mas no momento que iam descer uma mulher que estava grávida não deu conta de passar pelo buraco. Os Warao começaram a puxá-la, mas não conseguiram que ela passasse, por isso a mulher se transformou em luzeiro da manhã. Vários wisidatos, ficaram lá em cima por isso o sinal dos povos Warao para o trabalho: pesca, agricultura, coleta de frutos silvestres, é a saída da estrela da manhã. Quando o Warao fica doente o wisidato que está na terra não pode curar o doente, por isso convoca o wisidato que está lá encima para que desça à terra e leve o espírito do doente ao lugar onde nasceram os Warao.

[para ler mais mitos, clique aqui](#)

Amazônia:

MITO WAUPÉS

No Alto Rio Negro existem muitos povos indígenas e eles têm muitos problemas. O mito que vamos partilhar é um exemplo como os povos solucionam seus problemas. Os povos que ficam acima do Rio Negro têm pouco peixe pois ele não consegue subir as cachoeiras que existem, por isso eles partilham o que têm.

O Pe. Justino do povo Tuyuca relatou o mito destes povos.

Contam os anciãos que lá onde se encontra o Rio Negro existia um lago de leite quando ainda não existiam as pessoas. Lá o trovão desceu e se transformou em cobra, a nossa vida começa aí. Uma vez transformado em cobra, o trovão foi andando por muitos lugares e vinha carregando no ventre muitos enfeites (penas, flechas, etc.) e ela ia parando em alguns lugares – casas de origem – aonde ia deixando os enfeites que se transformaram em pessoas. A cobra é a mãe, por isso quando uma mãe benze uma criança o faz a partir desse lugar – lago do leite – pois ele representa o útero materno.

Essa cobra grande vai passando e chega a Belém e também os instrumentos se transformam em pessoas. Depois chega a Ipanoré, conta-se que ali tinha um buraco e dele saiam os povos indígenas do Alto Rio Negro. Há diferentes interpretações sobre qual povo saiu primeiro. Eles se espalharam pelas regiões dividindo-se por etnias que têm suas diferenças. Enfim a cobra voltou para o céu donde veio. Quando um povo não tem ou passa necessidade, eles partilham entre si o que tem.

Existe também a partilha individual quando oferecem para alguém algo, por exemplo peixe, caça, etc. mas a questão é que quem mais recebe tem o compromisso de dar mais. Eu hoje recebi, mas tenho o compromisso de dar amanhã. O Pe. Justino comentava que é difícil ser padre e índio, pois dos dois lados leva chumbo, seja dos povos indígenas como dos padres brancos(Igreja).

Brasil - todos os estados

A HISTÓRIA E A VIDA DO NOSSO POVO

Este grupo compartilhou suas experiências de Deus em sua vida e história, a partir da partilha nos encontros regionais e no nacional realizados nos dois anos anteriores. Entre as múltiplas experiências escolheu para o plenário a história do povo Xukuru e de seu líder Xicão. A experiência foi apresentada através da dramatização, da palavra da Dona Zenilda a viúva do Xicão e mãe do atual cacique e do vídeo sobre Xicão. Xicão, o pequeno enviado por Deus, ajudou o seu povo a enfrentar o gigante Golias na recuperação de sua terra e sua identidade como povo.

“Essa é uma pequena parte da história de Xicão Xukuru, grande cacique do Povo Xukuru. Xicão em determinado momento da sua vida foi morar em São Paulo. Deixou sua família e seu povo e foi tentar uma nova vida. Chegando lá trabalhou como motorista e foi também caminhoneiro. Xicão trabalhou muito para conseguir o mínimo de condições para sustentar sua família. Neste período que estava em São Paulo, a sua família e seu povo ficaram em Pernambuco e sofriam pela falta de terra, tomada por 281 posseiros, pela ameaça às suas vidas, pela fome e pela negação dos direitos ao povo xukuru.

Mesmo longe de sua família, de suas terras, do seu povo, uma força poderosa dizia-lhe que ele tinha uma grande missão a realizar junto ao seu povo, como também não fazia esquecer suas origens e sua identidade Xukuru.

Xicão adoeceu de uma ulcera e por ser muito religioso e possuidor de uma grande fé e devoção a nossa senhora das montanhas, Tamain, fez uma promessa para a protetora a fim de que a santa o curasse da doença que o maltratava.

Tamain atendeu ao clamor do seu filho querido e concedeu-lhe a cura, mas pediu ao coração do guerreiro que o mesmo assumisse a luta do povo Xukuru que muito sofria com a invasão de suas terras sagradas. De volta a terra indígena, tocado pelo chamado do próprio Deus, através de tamain, Chicão inicia sua árdua missão.

Xicão chegou também a recusar sua missão, dizendo mesmo que não tinha experiência para ser cacique, mas o pajé da aldeia o tranqüilizou dizendo que ele era o escolhido da mãe natureza e de tamain e que o mesmo iria ser o grande e inesquecível cacique do povo xukuru. Assim aconteceu e Xicão lutou, lutou muito com o seu povo e, aos poucos, foram recuperando suas terras das mãos dos invasores que matavam o povo. Com essa atuação corajosa foi adquirindo além de suas terras o ódio e a ira dos poderosos da região, até que no dia 20 de maio de 1998 Xicão, após escapar de algumas outras tentativas de assassinato, tomba na luta num assassinato covarde que fez com que seu sangue fosse derramado na Terra Sagrada dos Xukuru. O povo Xukuru chorou e sofreu muito com a morte de seu filho, cacique e guerreiro mais querido e o plantaram na mata do ororuba, entregando-o às suas mães terra e a grande natureza.

O povo xukuru muito triste e sofrido tinha ficado mais uma vez sem seu líder e assim foi por um ano. Mas os porta vozes do reino de ororubá e da mãe natureza anunciaram ao povo que o sangue do grande guerreiro xukuru que tombou na luta havia voltado para as veias do povo xukuru e que o novo líder da comunidade xukuru seria aquele que sempre acompanhou e foi preparado pelo grande cacique que partiu. Seu nome era Marcos Xukuru, filho de Xicão, enviado também por tamain para dar continuidade a missão do pai querido, construir um projeto de vida libertador para o povo xukuru”.

Na tarde após a apresentação das varias regiões, o Pe. Eleazar, nos convida a refletirmos e a olhar dentro de nosso coração para ouvir a palavra que Deus nos transmite através da experiência e vivência de nossos povos. As partilhas que se seguiram têm sublinhado como entre desconfianças e sofrimentos houve nestes tempos uma caminhada que hoje nos faz felizes e nos impulsiona a continuar na luta apesar das pedras que ainda atrapalham a nossa felicidade de poder falar de Deus como nós sentimos e sabemos.

Quarto Dia

24. 04 . 2006

Mensagem indígena

**Região organizadora:
Mesoamérica**

O dia começa com a **Oração Cósmica** animada pela Região Mesoamérica em que somos convidados a entrar em sintonia, harmonia profunda com a natureza e o universo.

ORAÇÃO DOS NOSSOS AVÔS E AVÓS

1. INCENSAÇÃO DE PURIFICAÇÃO

Oriente: O nascimento de Deus. Cor: Vermelho

 Salmo:(Todos)

***Aqui estamos, Senhor, desde o Oriente,
de onde nasce o sol, a vida.
Aqui estamos os povos do Caribe,
os que recebemos a Cruz e o Evangelho,
os primeiros que vimos a luz da tua Palavra.
Perdoa, Senhor, o nosso pecado,
a morte, a violência, a conquista
que semeou a maldade e a cobiça
Perdão por aqueles missionários que
calaram antes o mal e a injustiça.
Obrigados também por tanta vida,
pela vida milenária destes povos.
Obrigados pelas sementes do teu Verbo
que continuam germinando em nosso milharal.
Obrigados, Senhor pelas nossas crianças,
amanhecer da nossa Igreja missionária***

 **Acendem-se as velas vermelhas da Cruz**

 **(Cor vermelha e Coordenadores)**

Poente: A morte de Deus. Cor: Preto.

 **Salmo: (Todos)**

***Aqui estamos, Senhor, desde Ocidente,
onde se oculta a luz de tua Palavra,
onde morres nas crianças das ruas
e se fazem negócios com a fome dos povos.
Aqui estamos os povos ameríndios,
os excluídos do mundo global e da história.
Perdão porque escravizamos os negros,
que regaram esta terra com seu suor e sangue.
Perdão pelos que exterminaram nós índios,
e nos usam como peças de museu,
pelos que não respeitam a nossa fé e a nossa cultura
impondo-nos o Deus do poder e do dinheiro.
Obrigado porque no meio das sombras
apareces como arco-íris da esperança.
Obrigado porque te revelas como pai,
como Mãe que não se esquece dos teus filhos.
Obrigado por revelar-te nas culturas
e na luta cotidiana dos pobres.
Obrigado pela sabedoria dos nossos avós
e por sua herança que nos torna mais irmãos***

Ligam-se as velas pretas da Cruz

Antonieta e Bernardo convidam a Região Andina.

 **Norte.: A vida dos nossos antepassados. Cor: branco**

 **Salmo: (Todos)**

***Aqui estamos, Senhor os que viemos
de onde vieram os nossos antepassados,
os que viemos desde Tulán e desde Aztlán.
Aqui estamos os Siux, os Iroqueses,
os que os avós plantaram em suas andanças
pelas terras do frio e do deserto.***

***Perdão Senhor pelo poder do norte,
pelos seus planos de dominação e prepotência,
Perdão senhor por sua invasão expansionista,
pelas suas guerras políticas e racistas.
Perdão pelos seus tratados de comércio
que comerciavam com o pão de tantos pobres.
Perdão pelos milhões de emigrantes,
pelos afogados nos rios de fronteiras,
pelos que são caçados com os cães
por não permitir que comas as migalhas
que caem da mesa dos ricos.
Obrigado Senhor pelos ciganos,
pelos porto-riquenhos e os centro americanos,
por todos os latinos que trabalham
pela dignidade e os direitos humanos.
Obrigado pela solidariedade daqueles
que não olham a cor dos seus irmãos.***

🕯️ Acendem-se **as velas brancas da Cruz**

🕯️ Albina e Raúl convidam a região Caribenha.

🌐 **Sul.: Fecundidade, maturidade. Cor: Amarelo.**

🕊️ Salmo. (Todos)

***Aqui estamos, Senhor os que viemos do Sul,
os quichuas, os aimaras, os mapuches,
os que viemos da selva amazônica,
os que viemos dos Andes, das pampas, dos rios,
os que inculturamos o Evangelho há muito tempo.
Aqui estamos os que sem viver vivem,
os que em centenárias quarentenas de fome
estamos confinados a morrer em favelas,
os sem terra, os negros, os índios,
os condenados sem julgamento da terra.
Perdão pelos que chegaram como amigos
para roubar o que desde sempre é nosso,***

**Perdão pelos desastres ecológicos,
pelos químicos que matam a nossa terra,
pelas empresas que levam os nossos frutos.
Obrigado, Madre, que não nos abandonas,
e, com ternura, continuas nos protegendo.
Obrigado também pelos nossos bons missionários
que descobrem as pegadas do teu Reino
na cultura em nossa fé em nossa vida
e com suas vidas e o preço do seu sangue
defenderam a vida dos nossos Povos.
Obrigado por Pedro Claver, o apóstolo dos negros,
por Roque González e y José de Anchieta,
que com os povos indígenas buscaram
o caminho sem males na Terra.**

 **Acende-se as velas amarelas da Cruz**

 **Estela e Gabriel convidam a Região Amazônica.**

 **Coração do Céu e coração da Terra.
(No Centro)**

 **Salmo: (Todos).**

**Aqui estamos desde o Coração da América,
a partir da nossa pequenez, do martírio.
Aqui estamos do Azul do Céu,
desde o vôo do Quetzal e desde o vento,
Coração de Deus, frio que abençoa.
Aqui estamos desde o Coração do Céu
olhamos a terra com os teus olhos.
Porque somos Águias e somos Condor,
somos o vôo do teu Amor e da tua Palavra.
Somos aqueles anelamos ao teu Céu
do Céu que também é nosso aqui na Terra.
Somos Paz, Solidariedade, Justiça,
porque aspiramos s coisas do teu Céu,
deste Céu que um dia será nosso.**

*Perdão senhor porque esquecemos
que o teu Céu está também na terra,
perdão por não lutar porque venha
o teu Reino de justiça entre nós.
Perdão Senhor por deixar-te lá em cima
e esquecer tua fome aqui na terra.
Obrigado, Senhor pelas estrelas,
ela chuva, pelo sol e pela lua,
pelos astros que governam nossas sementeiras.
Obrigado pela esperança que encontramos
nos mártires que deram a sua vida,
na mesa do banquete do teu Reino
partilhando o nosso pão,
os nossos beijos a nossa tapióquia.
Aqui estamos no Coração da América,
nessas terras fecundadas pelo sangue
nessas terras de martírio e de pobreza.
Aqui estamos os homens e as mulheres
amassando o milho da esperança.
a partir da pequenez que recebemos
com nosso coração hospitaleiro.
Aqui estamos os povos da terra
os mayas, os garífunas e xincas,
os mestiços que nos fizeram nossos pais.
os que nasceram do milho , os que do milho vivem.
Perdão por nossas lutas fratricidas
por nossas viúvas e órfãos sem casas,
Perdão pelos quem, ao matar a roça de milho,
profanaram a vida e a dignidade do povo.
Obrigado, Senhor, por monsenhor Gerardi,
pelos nossos mártires e por nossos catequistas
que continuam anunciando o teu Evangelho,
dizendo aos quatro ventos:
Igreja na América: Tua vida é Missão*

Acende-se as **velas verde e Azul da Cruz**

(Mario e Estela)

♥ Dança e em seguida **todos seguem para o salão da reunião**

1. **O Pe. Eleazar** convida D. Roque, Bispo de Roraima e D. Sebastião, Bispo auxiliar de Manaus. O D. Roque saúda a assembléia e exprime a sua satisfação em estar presente fazendo votos que haja sucessos e um fecundo trabalho. Ele afirma que sendo do Sul se encontrou nessa realidade nova que o desafia, por isso tem de se colocar constantemente a escola para beber da sabedoria e espiritualidade desses povos. D. Sebastião afirma que já que esteve na abertura desse encontro. Ele que vem da diocese de Balsas onde D. Gianfranco é pastor. Ele é encarregado de seguir o interior da diocese.

O Pe. Eleazar continua os trabalhos afirmando que hoje é um dia intenso e difícil porque se trata realmente de entrar no coração da Teologia Índia, ultrapassando a casca exterior.

Nos auxiliarão neste trabalho algumas pessoas:

Clodomiro, que nos ajudará a entender a questão da **linguagem, do mito, do rito e do símbolo** na perspectiva antropológica;

[\(clique aqui para ler o texto de Clodomiro\)](#)

Margot: Bíblia e inculturação, compreensão dos mitos;

1 Processo de elaboração dos textos bíblicos.

1.1 Experiência comunitária de Deus e tradição oral (experiência, texto experiência).

A maioria dos textos bíblicos não tem autor próprio, foram escrito por uma equipe de tal maneira que a “Bíblia” é o livro do povo.

1.2 Nos momentos de crise, o povo lembrava essa tradição oral que com o passar do tempo passou para a escrita. Lembrar a tradição era uma maneira para superar as crises. Os textos partem de uma experiência de Deus vivida e a partir dessa se compõe o texto escrito, mas não para ficar apenas um conjunto estéril de palavras, mas para ser uma nova experiência de Deus.

1.3 Esses livros escritos por serem anônimos, da mesma forma como os mitos, pertencem ao povo.

2 Mitos e Bíblia.

A Bíblia não é somente acontecimento histórico. Apresenta também muitos mitos (Ex. Gn. 1-11 – menos as genealogias, são todos mitos, não todos da própria cultura, mas sim pegos emprestados como no caso do dilúvio, da árvore da vida, Caim e Abel, Adão e Eva, a torre de babel. As figuras simbólicas como a serpente, o dragão, leviatã, são o mau que ameaça perigosamente a humanidade que está sempre ameaçada. Ex. urso, panteras, raposa e as feras em geral, representam o inumano que desumaniza as pessoas e vai contra sua própria vida. Fazendo a leitura desde o Gênesis até o Apocalipse, encontramos sempre latente o perigo de uns que querem dominar outros julgando-se deuses.

3 Cultura bíblica.

O povo de Israel tem uma cultura própria que faz parte da cultura semítica com outros povos da redondeza: Síria, Fenícia, Filisteia, Edom, etc. Esse povo de Israel teve muitos encontros com outras culturas tendo em muitos casos choques, lutas acabando para se deixar influenciar por elas sofrendo invasão e dominação de outros impérios(ex. Síria, Babilônia, Pérsia, Roma). Por ser império os Israelitas os rejeitava porque eram dominados e oprimidos por meio de gravosos impostos até chegar à deportação e o exílio com a destruição de sua capital.

A cultura de Israel não é de tipo imperialista, mas sim circular (comunitária) elaborando por isso uma cultura própria e muito especial com o propósito de segurar a fidelidade de todos. Tem também mecanismos de renovação porque o bem não se mantém por si mesmo.

- Privilégio para os pobres
- Leis de solidariedade.

4 Deus dos pequenos.

Israel queria ser povo de Deus reunido em equilíbrio – justiça – terra para todos. As autoridades caminhavam com o povo, porém no momento da dominação se vendem aos dominadores adotando sua cultura... o povo não! Surgem parábolas proféticas de resistência que encontramos em Ruth, Jonas, Judite, Tobias, Éster. Ex. o que contra a lei, a solidariedade que expressa o livro de Ruth; contra o chefe e senhor, o que reflete a palavra de Deus, de Javé no livro de Judite.

5 Jesus.

Jesus retoma a linha profética do povo fazendo-se humano, pequeno, povo... Junto com o povo Ele se deixa batizar, batizar no destino do povo. Ex. Xicão, os povos atingidos pelas mega empresas na Amazônia, etc. E nós índios nos batizamos no destino de Jesus que é o destino do povo.

[\(clique aqui para ler o texto de Margot\)](#)

Nello: caminho da Teologia Índia e diálogo Inter-religioso;

A partida e o objeto de uma reflexão teológica foi a “nossa história” isto é a experiência de Deus em nossa história. A nossa historia é uma história de sofrimento, de negação, de genocídio e etnocídio. Xukuru, Macuxi, Wapichana, Taurepang, Ingaricó, Yanomami, Tembé, Aikewari, Karipuna, Galibí, Marworno. Utilizamos a pintura que está no livrinho, que representa uma simbologia universal: o dragão e a mulher. Esta pintura introduz a temática do pequeno e da grande força escondida que ele possui. Lembra-nos o tema teológico Guadalupano.

1. Os pequenos mudam a nossa história.

O aproveitamento dos pequenos como manifestação de Deus – conosco e força de Deus que se coloca ao nosso lado. Estes pequenos têm um rosto, têm um nome, têm uma história. Os pequenos são como a semente da vida que faz brotar outras sementes e frutos. Nós, analisamos as características dos pequenos, as constantes que encontramos em todos eles:

- o chamado à missão, as vezes após uma experiência dolorida, Deus chama;
- a decisão de se colocar a serviço do povo, da comunidade;
- contra tudo e todos;
- até à morte.

O protagonismo dos pequenos passa das pessoas pelo povo e aí se realiza o bem do encontro: a força... dos ricos e poderosos passa pelos pequenos – Magnificat.

2. A partir, dessa experiência histórica, as tradições e os **mitos** são resumidos e **reinterpretados**, e os rituais são reconstruídos e reinterpretados.

3. a. Esta experiência de Deus é expressa e partilhada a partir de seu **chão religioso** que não é o chão da ortodoxia católica. É o chão do cristianismo colonial, dos encantados, da natureza animada, da pajelança. “Às vezes não é compreendida por outros que não estão acostumados com esta linguagem e simbolismo”. Não é a metodologia da exclusão, mas da inclusão.

b. Às vezes, na celebração, na formulação de sua fé, de sua experiência, na celebração dos rituais, não aparece a relação direta com a fé cristã. Por quê? Porque até pouco tempo atrás eram condenados.

4. A experiência teológica se traduz na ação da **mudança social**: meios, organização, identidade e na ação política.

5. Duas propostas:

- Escrever ou reescrever a nossa história a partir da leitura teológica de nossa história; da experiência de Deus;
- Os pequenos são a expressão da força de Deus. Escrevendo a história deles vamos expressar a nossa teologia.

[\(clique aqui para ler o texto complementar de Nello\)](#)

Paulo Suess, relação entre teologia e cultura.

1. O que queremos? Queremos ajudar a fortalecer a vida dos povos indígenas (seu projeto) desde o campo religioso integral que está ameaçado.
2. Como fazer? Temos a ferramenta? Falamos nestes dias de alguma ferramenta que nos pode ajudar porque parte desse projeto: mitos, história/ memória, ritos, experiência de Deus.
3. Parece que existem fricções entre o projeto e os projetos indígenas, e entre eles e os projetos cristãos (mitos, histórias, ritos, experiências de Deus) e disso a dificuldade para utilizar corretamente a ferramenta.
4. Uma advertência: Deus salva cada um e os povos na sua história, cultura que é ambivalente. Essa história é codificada nos mitos, vivificada no rito e nessa história cada povo faz a sua experiência de Deus. Em cada povo há múltiplas experiências de Deus, porém existe uma experiência coletiva, a do projeto.
5. Quando os povos indígenas foram incorporados nas Igrejas, os seus projetos foram apagados/ substituídos por uma visão salvífica e culturalmente monopolizante e exclusivista: os missionários disseram que nas outras religiões não há salvação.

6. Essa postura foi superada. Os povos podem-se salvar também noutras religiões: o caminho comum da salvação, são as religiões não cristãs através da graça de Jesus Cristo que é Deus.
7. As “outras religiões” “puras” não existem mais. Entraram em negociação com o cristianismo, cederam em alguns pontos, em outros não. Muitos povos indígenas se consideram indígenas (Zapotecas, p. e.) e cristãos e querem fazer valer a sua experiência indígena de Deus codificada nos seus ritos/ mitos como cristãos.
8. A experiência de Deus e o seu significado precisam de uma expressão que é cultural, por exemplo, a experiência Pascal da fé: narrações culturais/ contextualizadas, visões conceptuais (orais e escritas).
9. No cristianismo essas expressões foram depressa canonizadas tornando-se normas na cultura de Israel, dos Gregos e dos Latinos: muitas narrações, ritos, organização eclesial, ministérios foram adotadas como lei para todos!
10. Desde a hegemonia do cristianismo pós-Constantino (imperial) e colonial se procurou esquecer que:
 - ✓ As expressões religiosas são culturais: ritos, liturgias, símbolos, narrativas, mitos;
 - ✓ Nenhuma cultura é normativa para a outra, impor uma cultura como “a cultura” é alienante;
 - ✓ Entre as diversas culturas não existe uma especificamente evangélica, católica ou cristã;
 - ✓ Todas as culturas são atravessadas por estruturas de pecado.
11. Também as teologias são expressões religioso-culturais; afirmar que existe só uma teologia seria afirmar que existe uma só cultura; as teologias são culturais na sua linguagem(conceptual, simbólica) – Jesus, afirmamos no creio, consubstancial com o pai.
12. Podemos expressar o mesmo significado com sinais diferentes? Podemos expressar o conteúdo teológico normal da fé com uma roupagem teológica diferente? Sim! Os sinais (os teólogos ou a “teologia índia” como sinal) são possíveis, portanto, na “teologia índia” pode-se articular/codificar a verdadeira fé cristã, como nas teologias formalmente reconhecidas, expressar/significar algo verdadeiro e algo errado. O significado/sentido escapa do controlo e das definições (religiosidade popular).

13. Tudo o que falamos de Deus, também a nossa experiência de Deus, a podemos expressar em analogias, aproximações, parábolas (do Reino).
14. Voltando para a Teologia Índia qual expressão da fé e ferramenta para apoiar e fortalecer o projeto de vida dos povos indígenas: qual é a prática que a teologia índia sustenta: nós nos salvamos na religião samaritana da Justiça maior e do Amor maior.
15. O diálogo entre a teologia índia cristã e a teologia cristã romana deve ser sobre a validade e o reconhecimento recíproco das expressões culturais dos povos (signos – ex. Chicão Xucuru: está em S. Paulo, cai doente, volta para seu povo, fica curado e começa a luta para a terra (terra prometida) como guia de seu povo (Moisés), é assassinado, é plantado e se torna a luz, mito) - parcialidade de todas as culturas para expressar o mistério de Deus (analogia). Não existe cultura onde se possa expressar a totalidade do mistério divino.
16. Falamos de Deus desde a nossa pobreza (cultural, humana), desde a nossa pequenez; falamos de um Deus que se manifesta e revela nos pequenos e na pobreza do não ter (não fazer) porém do ser cuja essência é gratuidade, comunidade, fraternidade. Ai está a força espiritual e política dos pequenos na sua proximidade com Deus, o demais é acidentalmente cultural.

2º texto de Suess: Pluralismo e missão

A parte da manhã foi concluída com a lembrança da passagem do trigésimo quarto aniversário da **fundação do Cimi**. D. Gianfranco Masserdotti, faz uma breve panorâmica histórica desde seu nascimento até hoje e em seguida o Saulo apresentou o significado do painel que está como pano de fundo do nosso encontro e que faz parte da obra que se encontra na capela do centro de formação “Vicente Caña” em Luziania. Em suas palavras a imagem representa o útero do universo, do qual segundo a mitologia dos povos indígenas, eles foram gerados. O tudo se concluiu com a oferta da bebida sagrada e com a dança expressão de alegria, de festa, de vida.

Na parte da tarde realizamos um **passeio até o encontro das águas**, com danças e animação no barco durante a travessia. Após a volta na cidade de Manaus paramos na frente do teatro e enfim voltamos para casa.

Quinto Dia

25. 04. 2006

Mensagem indígena

**Região organizadora:
Mesoamérica**

O dia começou com **a oração do plantio e da colheita** com música Tseltat invocando a presença do universo e saudando a mãe terra através de uma dança.

Em seguida o Pe. Eleazar dá continuidade aos trabalhos retomando o tema de ontem no ponto em que tinha sido deixado. A reflexão continua nos grupos das diferentes regiões e realidades em que a assembléia está dividida.

O coordenador do dia propôs duas grandes perguntas a serem respondidas por regiões:

- 1. A partir do mito, o rito ou a história do povo que selecionamos em nossa região; em que consiste ou onde está a força dos pequenos?
Qual é a nossa mensagem que iremos transmitir para os outros povos indígenas?**
- 2. Como relacionamos, combinamos ou sintonizamos esta experiência indígena de Deus com a experiência cristã?**

CONTRIBUIÇÃO DA REGIÃO ANDINA

1.. A partir do mito, o rito ou a história do povo que selecionamos em nossa região; em que consiste ou onde está a força dos pequenos?

Qual é a nossa mensagem que iremos transmitir para os outros povos indígenas?

- A nossa força está na união, na organização e coordenação entre os Povos Indígenas, a partir das nossas diferenças e identidades próprias.
- Na comunicação, articulação e o consenso, fruto de diálogo para a busca de projetos comuns dos pequenos/as.
- Na capacidade de nos juntar a outros setores marginalizados, excluídos/as, a luta pela vida para todos, nós índios não podemos deixar a ninguém por fora.
- Em perder o medo pelo que somos; pelo que podemos ser. perder o medo de governar, de decidir, de triunfar, de dar a nossa contribuição. No sentido positivo a nossa força está na confiança, autoestima a partir de nossas identidades.
- Na liderança ética, responsável, honesta, e profético até o martírio.
- Na perseverança e constância na luta

- Na espiritualidade profunda que questiona, que cria a identidade, que anima na luta e celebra a vida.
- Na consolidação dos projetos mais amplos, a longo prazo e nem somente conjunturais.
- Na base e nos fundamentos que sustentam as nossas lutas e nossa organização: a cosmovisão, o ético, o religioso, a nossa espiritualidade
- Está na sua própria pequenez que se manifesta na luta com e para todos em oposição dos grandes que lutam cada um somente para si mesmo
- Na capacidade de “viver com os outros”, com os demais, com deus e com a natureza.

2. Como relacionamos, combinamos ou sintonizamos esta experiência indígena de Deus com a experiência cristã?

- Deus que se revela no “jardim do cristianismo”, se revela também em Pacha – ninho de Deus , no cosmo todo, no centro do mundo, no centro dos nossos povos, no coração das nossas celebrações, dos nossos ritos, das nossas lutas, das nossas vidas. Neste sentido, Deus não é um Deus exclusivo do jardim de alguma religião, mas da humanidade toda e sua presença ativa está em todo o cosmo.
- Os signos do reino no meio dos nossos povos (sentido da comunidade, da liberação, da solidariedade, de reciprocidade, da harmonia cósmica) o confirmam.
- A experiência de deus que hoje nós povos indígenas temos, o sintonizamos com a experiência que viveu o “resto de Israel”, o povo de Deus tanto no AT como no NT. Parece que a história do povo de Deus foi escrita pensando em nós outros, para animar e encontrar a força nestas experiência de liberação.
- O Deus que se fez pequeno, que se despojou da sua grandeza encarnando-se em Jesus, é o Deus encarnado no meio dos pequenos. Ele que se faz pequeno vive em nossas lutas, tradições, crenças, ritos,..está conosco”. esta presença consagrou o nosso povo que vive a sua história de salvação aqui e agora.
- A nossa identidade se harmoniza com a identidade de Deus, porque experimentamos a deus como pequeno, encarnado no pequeno e vivendo e agindo no meio de nós que o conhecemos e experimentamos como

pequenos. Aí está nossa força, com certeza uma loucura para os judeus de hoje.

- Os nossos projetos se harmonizam com os projetos de Jesus: o Reino para nós é a experiência do Pachakuti que estamos vivendo, é a “A Terra sem Males”, é a “Loma Santa”.
- As nossas experiências rituais expressam uma síntese do indígena com o cristão. Duas experiências rituais expressam uma síntese do indígena com o cristão.
- Nossas experiências rituais expressam uma síntese entre o indígena e o cristão. Duas experiências de Deus que deram vida a outra identidade religiosa “o indígena cristão”. A gente dá, do que é nosso, conteúdo aos elementos que o cristianismo traz.

AMAZONIA DE LÍNGUA ESPANHOLA:

1.- Frente ao consumo de produtos enlatados, potenciar o consumo de produtos naturais do nosso interior. Frente aos transgênicos e suas sementes recuperar os nossos produtos tradicionais

2.- No Vicariato de Puerto Ayacucho (Venezuela) estão semeando umas sementes parecidas ao feijão que serve de adubo à terra. É uma planta que fertiliza a terra e luta contra a desertificação.

3.- Formação da consciência crítica nas pessoas. os líderes quando chegam às comunidades tem que ter suas propostas

4.- Reunir, durante as férias, os estudantes que estão estudando fora das comunidades, interessando-se por eles, e perguntar como anda a sua vida. perguntar sobre o bem e o mal que encontraram nas cidades.

5.- Fortalecer a defesa dos territórios e dos recursos naturais frente aos megaprojetos hidráulicos e petroleiros.

6.- Potenciar a teologia índia como voz profética da resistência e da esperança. Abrir espaços nas igrejas para esta teologia em nossos lugares de trabalhos.

7.- Formar para o uso dos meios de comunicação. Utilizar os meios de Comunicação da igreja para defender a causa indígena.

AMAZÔNIA BRASILEIRA:

1. a partir do mito da cobra grande.

- o mito começa fora da humanidade. Ele nos remete a um mundo que nos antecede e que nos liga a todos. Ele nos remete a um fundo comum que antecede a pluralidade da natureza e dos homens. Também nos lembra que não somos só humano, mas também divinos. O mito nos coloca diante de nossa origem sagrada e da origem sagrada da natureza.
- A narração do mito nos devolve a linguagem dos mitos e nos desperta para outra lógica diferente de nossa sociedade capitalista. Ele desperta para uma mentalidade alternativa à nossa sociedade capitalista. Ela desperta para uma mentalidade alternativa ao espírito neoliberal. Abre uma lógica de solidariedade, do respeito da natureza e da valorização de um com o outro dentro da etnia e aberto para as outras etnias.
- A força dos pequenos está na capacidade de acolher uma pluralidade de construções culturais.
- No mito a cobra simboliza a água símbolo que dá unidade a toda a realidade. O modo de narrar as relações influi no modo do ser humano de relacionar-se entre si e com a natureza. Podemos enxergar três tipos de relacionamentos seguidos pelo mundo:
 - o Econômico: é de partilha de bens com os povos que vivem acima da cachoeira que trocam com aqueles que estão abaixo da cachoeira. Um dá o que outro não tem ligados pela água.
 - o Ecológico: o ser humano é situado dentro dum conjunto da natureza; tudo é ligado pelo espírito da água. Tudo está ligado à água.
 - o Sociais: o mito influi sobre o comportamento social e ético de acordo com a natureza. Todos são parentes da mesma criação, não vê inimigos, ou animais nocivos, mas parentes.

2. Os pequenos nos dão consciência que não temos relações de reciprocidade. A sintonia entre cristianismo e a experiência indígena de Deus só pode acontecer numa relação de reciprocidade. A Igreja tem assumido muito a si mesma mais que o evangelho. Tem uma prepotência que impede uma relação de reciprocidade.

Para que aconteça uma sintonia num relacionamento de reciprocidade, entre iguais, precisamos de dois momentos:

2.1. necessidade de maior visibilidade da expressão religiosa do mundo indígena .

É necessária a ambivalência das vivências fundadas para que haja sintonia. E os povos indígenas têm um sonho a partilhar que é capaz de mobilizar e influenciar a experiência cristã.

Necessidade do cristianismo de descer de sua posição hegemônica para se deixar desconstruir pela experiência de Deus dos povos indígenas, pela força dos pequenos e reencontrar juntos o que fundamenta a experiência cristã de Deus. Para que haja sintonia deve haver abertura e desejo de sintonia dos dois lados. É Cristo que sua mitologia nos ensina o evangelho no meio de outras culturas. A experiência cristã de Deus é portadora do Cristo mas ela não domina a experiência de Deus. O modo de Cristo de agir entre as culturas:

- ✓ Pelo dialogo, como faz com a samaritana;
- ✓ Faz analogias do Reino de Deus com elementos da cultura do povo: “ o reino é como...”
- ✓ O reconhecimento da fé do outro: ao mestre da lei “tu não estás longe do reino de Deus...”
- ✓ Louva o Pai por “revelar essas coisas aos pequenos...”

A pergunta do reino de Deus é a analogia que mais nos ajudará a dialogar com a experiência indígena de Deus. A analogia do reino de Deus se presta melhor para dialogar do que um Cristo-centrismo.

AMAZÔNIA E DEMAIS ESTADOS:

1. A partir do mito, o rito ou a história do povo que selecionamos em nossa região; em que consiste ou onde está a força dos pequenos?

- A partir de nossa própria experiência a força vem de **Deus**, da **Natureza**, da nossa **Tradição** e dos **Pequenos**. A força vem em primeiro lugar de **Deus** através da **natureza** porque Deus está nela e por ela fala, da mãe terra, dos encantados: vem da **cultura**, dos rituais, da união do povo, o valor de suas **culturas**, a força dos antepassados, na fé viva que está em cada um de nós, nos pajés, nas organizações dos povos indígenas, nas tradições, na união dos povos. A força de Deus sempre está nos **pequenos** porque os pequenos que lutam têm fé em Deus, dos missionários, das pessoas de fora.

2. Qual é a nossa mensagem que iremos transmitir para os outros povos indígenas?

A mensagem é que não se deixem corromper pelos grandes, pelos poderosos, pelo dinheiro, mas continuem caminhando com a fé de Deus e com a força a luz e a coragem que Ele nos deu.

3. Como relacionamos, combinamos ou sintonizamos esta experiência indígena de Deus com a experiência cristã?

- A fé cristã ajuda a fortalecer a luta. Nossos povos hoje passam pela mesma experiência dos povos da Bíblia na sua busca da libertação.
- Nós conseguimos ver o bom da fé e da Igreja mesmo quando encontramos dentro delas opositores. É o caso dos Xukuru. Em Roraima, no Amapá, no Pará o povo índio experimenta uma Igreja solidária com seus problemas.
- **Yanomami:** O Deus de nosso povo e o Deus de fora trabalham juntos.

CARIBE, PANAMÁ, VENEZUELA e COLOMBIA.

1. A força dos pequenos está na resistência e na sabedoria ancestral e cristã e está enraizada na espiritualidade milenária. O demais está na unidade dos povos indígenas. A força está no próprio mito.
2. Certamente existe uma relação; por exemplo, nesta manhã quando curandeiro quando sai a buscar madeira faz uma oração a Deus e logo abençoa a medicina.
3. O povo indígena diz que a natureza é obra de Deus e que aí está Deus.
4. O cristianismo não vai de acordo com a teologia índia.
5. Há uma relação entre o mito indígena e o mito do cristianismo.
6. A teologia indígena é muito sagrada, portanto devemos ter muito cuidado a relacionar-se porque pode ser mal interpretada e mal traduzida. Há elementos que não se podem relacionar por nada, por isso é precisa uma reflexão permanente.

CARIBE –

WARAO DA VENEZUELA

- A resposta se encontra num pequeno jovem “bom de braço”, usa a sua força para flechar “força do pequeno”; a flecha se perde e o otimismo e a procura logo encontra um futuro melhor.
- Comunica a todos = solidários.
- A comunidade se reúne , organiza para ver como descer a terra
- Mulher grávida se converte num símbolo eterno e reluz da esperança, nos diz: “levanta-te que começa o novo dia de Deus, um futuro melhor”. Vê a mãe terra que está cheia de frutos para vocês como a mulher grávida que tem algo novo para dar.
- Comunhão com os maiores, o sábios, os antepassados.
- O Warao não morre volta para noite regressando à sua origem: o céu.
- Lê na natureza seus símbolos, agora se chama ecologia, exemplo: temos o estilo de S. Francisco (Mãe, irmã) terra do cristianismo.

GRUPO CONE SUL:

Experiência cristã do mito

- ❑ A fé do cacique no seu desespero;
- ❑ A salvação comunitária rejeita a salvação individual;
- ❑ A obediência ao plano de Deus;
- ❑ Como Deus se manifesta e revela o seu plano no sonho; revelação progressiva e gradual;
- ❑ Paciência no processo que se vai gerando e desenvolvendo a medida da compreensão das pessoas;
- ❑ Saber escutar Deus, ler a realidade;
- ❑ Nada se perde, tudo se transforma, a vida não tem uma só dimensão, mas é ambivalente (bem/mal);
- ❑ Destruição, dor e criação/vida. As lágrimas se convertem em milho e o que é destruído pelo fogo é recriado;
- ❑ Aceitação da dor, da miséria, do caos como experiência fundante da vida;
- ❑ Deusa, o feminino faz a opção num mundo masculinizado. Sem dúvida ela está enxertada num absoluto harmonizado;
- ❑ Cooperação entre homem – mulher e a natureza na harmonia e no respeito;
- ❑ Também a natureza e “o pequeno” que dá força;
- ❑ O sagrado é todo este presente e o âmbito da vida de todos eles.

MESOAMÉRICA

Mito onça – grilo

O grilo e os pequenos animais representam os pequenos filhos de Deus.

Triunfou pela união, planificação, astúcia, porque a unidade é a força dos pequenos que procura unir-se e fazer triunfar o povo até chegar a ter consciência, rosto e coração de Deus que nos torna grandes como Ele. Representa a consciência de que “se consegue” se unidos com o líder, com a autoridade e o povo.

Representa-se a consciência que podemos morrer, porém isso não tem importância porque serei semeado na terra para produzir vida.

Vale a pena gastar-se pela comunidade e sabemos que sabedoria temos no sangue.

A força está nos nossos sonhos de futuro. Nos têm maltratado, porém vamos vencer fazendo festa.

Como harmonizarmos fé indígena e fé cristã?

Em nosso povo não se vê contradição. Temos línguas diferentes, porém coincidências de fundo, por isso os povos as vezes rezam orações cristãs nas datas cristãs e no altar indígena com orações indígenas nas igrejas. Fala-se com Deus no monte, na água e também nas igrejas. Assim se procura manter a identidade religiosa própria através da história.

Às igrejas cristãs freqüentemente lhes custa entender isto, porém há gente que demoniza nossos ritos.

Na Igreja temos àqueles que procuram a inculturação. É difícil que nossas igrejas entendam, porém se devem lançar pontes. Como povos, somos discretos, só falamos o que sabemos que se pode partilhar. Sabemos que com certas pessoas não se pode compartilhar tudo porque não são dignas de confiança

A nossa fé está na vida: sim nós mulheres grávidas sabemos que esse é uma tarefa divina ensinada pela nossa Mãe Sagrada; os anciãos distribuem os vários serviços que se devem realizar segundo o coração de Deus,; a vela deve estar presa e bem segura, pois temos de cuidar da sabedoria divina entre nós; vamos à colina buscar a força para levar para frente o caminho que muitas vezes é difícil.

PARAGUAI, CHILE, BRASIL E ARGENTINA.

D. Florêncio: “não sei qual é o motivo desse encontro, é diferente daqueles de anos atrás; não sei se estamos falando da teologia índia,. índia ou se está indo para a criação de uma Igreja autóctone onde há uma mescla e isso é um atentado contra a nossa própria espiritualidade”.

D. Pedro: “de acordo com a experiência de outros eventos é um rasgo. Se estivermos vendo ou cuidando zelosamente este encontro não é o apropriado. De acordo com as conversas que tivemos com outros teólogos, eles estão buscando as respostas, porém creio que este não é o melhor lugar para isso. De acordo com as orações que temos feito nestes dias, deve ser remarcado como um encontro cristão, estamos tomando uma religião ‘milênária’, entrando num campo milenarista; onde e como entrar e discutir a teologia índia.”

Paraguaio: “não participo de uma Igreja católica de acordo com a minha experiência. Temos liberdade de atuar. Se existe indígena que estuda para sacerdote, ele terá que fazer uma Igreja no seu espaço e com a sua gente. Eu tenho a minha crença, creio em Deus ao meu estilo. O indígena deve seguir sendo indígena e se quer ser católico que o seja.”.

Musuma Arj. Guarani: “tem uns autóctones indígenas com uma consciência autóctone e própria. Se participam de determinadas denominações, já estou indo embora com outra crença. Temos a nossa forma de chamar Deus e a participamos e isso é forte, constante, perseverante. Muita gente na outra Igreja, porém de repente volta às suas perguntas. Nós, como indígenas, temos muitos sonhos e vivemos com eles(a cultura indígena acabou mas o ser indígena não acabará.

Sacerdote indígena: temos que tomar nosso espaço, nossa tranquilidade para inspiramos, houve muita pressão para transmitir o que realmente se esperava. Para esse encontro deve haver outro espaço.

Guarani: “o lugar onde estamos não é o apropriado, não estamos em contato com a natureza porque quando se entra no sentimento indígena este produz contradição com o próprio indígena, provoca ressentimento por acaso não é suficiente os problemas que se vivem em cada país? A lógica espiritual(cristã e indígena) são distintas uma da outra. Outros teólogos aprenderam a teologia índia por livros, por investigação, contrariamente a teologia índia “pura” é vivida, experimentada no dia a dia”.

Alberto/ Argentina: “a participação na teologia índia estando dentro da Igreja e que eles atuam não se destorça a distinta miragem. A teologia cristã é um conceito que não deveria enquadrar-nos. Todo o ser é cristão, só que devemos respeitar-nos entre nós para que haja um verdadeiro diálogo.”

Paraguai: “é um encontro que me produz uma espécie de céu. Pensei que só nós indígenas participávamos desse encontro, mas é o contrário. sempre tratarão de captar-nos informações, mas sempre nos pedirão reservas.”

Brasil: “nós vivemos a nossa espiritualidade vivendo a nossa cultura, só que somos drogados com a imposição da teologia cristã, o assistencialismo é freqüente na nossa área, nos introduzem ao cristianismo para defender a sua posição de Igreja. Os meus

avós sempre nos falaram da solidariedade, da unidade, da boa convivência com a natureza, o partilhar com os nossos irmãos e integrando-nos com a Igreja ocidental foram-nos postas barreiras. O temos visto com os próprios irmãos católicos.”

Argentino: “sou sacerdote, mas não indígena. Este encontro é só dos sacerdotes, dos diáconos, dos leigos etc. Porém esse não é um encontro de teologia índia porque não tem participação das autoridades tradicionais indígenas. Num próximo encontro seria bom considerar a opinião dos próprios indígenas. Preocupa-me a intencionalidade que tem a Igreja para com os indígenas e também o pensamento dos povos indígenas atualmente pelo produto desse encontro.

Nós como indígenas não somos ‘pequenos’. Ao dizer isso, sinto-me frustrado, derrotado, marginalizado e pobre. Nós povos indígenas somos um, povo vivo com uma identidade clara, com uma espiritualidade viva e com a força do nosso criador saberemos ir para frente.”

ASSESSORES E BISPOS

1. Força da consciência de identidade pessoal e coletiva, cultural, religiosa. Por isso: precisamos segurar a terra como fonte de identidade (volta a Jerusalém após Babilônia).
2. Em que consiste, como se expressa esta identidade “força dos pequenos”:
 - ✓ intensa espiritualidade
 - ✓ capacidade de união, de articulação e de comunhão
 - ✓ capacidade de sofrimento e resistência com a esperança de transformação(festa)
 - ✓ visão do mundo ampla em que o ser humano não é o centro, ma existe harmonia na criação e nós somos responsáveis.
3. Nos mitos e nas histórias está presente o conflito e percebemos uma ameaça por parte dos grandes. É percebido o conflito, os pequenos respondem com pequenas ações baseadas na sabedoria e na esperteza (os animais ensinam) que transformam a realidade. Não há desejo de vingança, mas só o desejo de chamar os grandes para o caminho dos pequenos.

4. A visão dos povos indígenas é mensagem positiva para todos. Reconhecemos que uma atenção particular, merecem os jovens índios, obrigados a sair (pouca terra) ou a freqüentar as escolas da cidade (inculturação violenta). Os adultos devem encontrar o jeito, o método para ajudar os jovens a viver este choque sem perder suas raízes enxertando sobre elas elementos de modernidade que não abafam a espiritualidade. Tem por baixo um problema político e econômico: para evitar as migrações podem ter aspecto positivo na medida em que favorecem novos temas culturais.

Na parte da tarde começa-se com as partilhas das regiões:

Após a apresentação do Brasil alguns países sentem a necessidade de partilhar sua experiência de luta e de vitória com a força de Deus.

México: S. Cristóbal de Las Casas partilha com a assembléia a sua experiência e caminhada, começada com Mons. Samuel Ruiz, que lhes deu a possibilidades de expressar, partilhar, e construir a partir do silêncio e com a ajuda de intelectuais se construiu uma proposta que foi apresentada para ser incluída na constituição até chegar a consciência de afirmar: “nunca mais um México sem povos indígenas”. Mesmo na Igreja buscamos isso apesar de se ter tentado, com o envio de Mons. Raul, para frear o processo e o caminho de nossa Igreja, mas nós fizemos apaixonar por nossa causa o coração de nossos pastores. Doe muito que dentro da Igreja e por parte de Roma haja essa incompreensão, porque se entendemos e suportamos a perseguição do governo, custa mais agüentar aquela de nossos próprios irmãos. Inclusive a parada das ordenações diaconais causou-nos muita dor, mas desta situação pensamos que possa sair algo de novo para a nossa comunidade e Igreja. A solidariedade que aqui recebemos nos anima e dará força para as nossas comunidades para continuar com o caminho de construção de uma Igreja autóctone (local) capaz de responder aos anseios e necessidades de nossos povos.

Equador: 57% de indígenas. O processo de sua caminhada é muito ampla, começa em 1940 com Dolores Capuango. Em 1985 começam a consolidar-se cada vez mais as organizações com o nascimento da CODAI que tomou posição sobre temas como o gás, a educação bilíngüe, a saúde e enfim a participação política. Esta-se lutando desde 1997 para que na constituição se coloque que Equador é um país multilíngüe e multicultural. A igreja tem seguido a questão indígena, mas houve um momento significativo com a visita de João Paulo II em Equador que afirmou “bendito o dia em que serão servidos por servidores de vosso povo”. A nomeação de mons. Proaño como responsável da pastoral indigenista e sua autodefinição como “bispo dos indígenas” reconhecendo eles como muito religiosos e contemplativos. Continua também o esforço de construção de um rosto novo de Igreja.

Bolívia – celebração do Pachacuti 1997 – Evo Morales expulso, 2002 tem eleições e ganha 1%, em 2003 temos El Gome tem o enfrentamento do estado resultando na morte de 20 pessoas. A policia e o exercito saem às ruas tentando reprimir a insurreição com o saqueio das lojas. Isso é o prelúdio do que irá acontecer em Outubro, onde se enfrentam mineiros com o exercito e a policia. 11 e 12 se dão a guerra do gás, com mortos mais de quinhentas pessoas feridas. A nossa paróquia foi considerada como covil do “Sendero Luminoso”, porque o povo insurgiu-se, gritando que o povo não se cala. (apresentação de um DVD). Foi o momento para descobrir em tudo isso a presença de Deus nas celebrações publicas dos povos andinos. Houve também tem a questão da água. Ao presidente sucede o vice-presidente Carlos de Mesa que faz algumas promessas e não as cumpre também porque tem a oposição de muita parte do parlamento. Nas eleições de 2005 sai Evo Morales com 57% gerando em todos os povos indígenas do país grande esperança e alegrias. Enfim chegou o tempo de fazer uma síntese de nossos trabalhos e fazer propostas alternativas. Fomos acolhidos no primeiro dos povos indígenas de Roraima, em particular do Macuxi, que nos convidou para a maloca onde fomos purificados e preparados para começar a caminhada. No segundo dia, guiados pela coordenação, fomos convidados a olhar para a realidade e a partilhar as nossas flores e os nossos espinhos, para depois enfrentar as situações e buscar respostas para enfrentar a modernidade sem perder o nosso rosto especifico de indígenas. O que hoje somos chamados a fazer, a partir das pedras que atrapalham os nossos caminho como o alcoolismo, a prostituição, a droga, encontrar estratégias alternativas quer nos ajudem a superar esses desafios a partir da descoberta daquele Deus que está presente no coração, na alma de nossos povos. Uma segunda colocação é a de escutar a voz e os sábios conselhos de nossos anciãos, cheios de vida e de esperança.

Como continuação dos trabalhos foi colocada na parte da tarde, a seguinte pergunta:

1. O que devemos fazer para manter, defender, a força dos pequenos dentro de nossas comunidades frente ao projeto neoliberal e na relação com nossas Igrejas?

Seguem os trabalhos de grupo até a janta seguida de uma animada noite cultural.

Sexto Dia

26. 04. 2006

**Região organizadora
Andina**

O dia começa com a celebração proposta pelos Aymara da Bolívia. Somos convidados a rezar algumas orações do cristão. Em seguida é nos feita uma introdução sobre o cosmo-visão onde existe uma realidade profunda e harmônica entre todos os seres dos quais cada um de nós é parte integrante. Por isso há no começo de cada celebração o pedido aos espíritos para que autorizem e perdoem o mal que causamos com as nossas divisões e ações.

Irmã Vicenta fala da “hoja” (folha) de coca que pelos povos indígenas usam para os rituais e como medicina; temos também os mistérios que representam um animal sagrado; temos também o símbolo do ouro e da prata que estão no subsolo, e temos também a serpente (sabedoria, prosperidade, inteligência), sapo, (abundância, prosperidade – a igreja nos ensinou que é pecado); Tata S. Tiago, que nos serve para invocar nossos antepassados; a formiga (trabalho comunitário, união, força, energia), pacha mama (exprime a terra e tem relação com nossa senhora, mãe de Jesus); o livro como expressão de nossos trabalhos, lâ de lama que para nós é como lá de ovelha com a qual confeccionamos o ninho onde Deus coloca sua tenda entre nós.

A cada um é dada a folha de coca, ao recebê-la devemos confiar aos espíritos para pedir força para a nossa caminhada de Teologia Índia. Através da coca nós vamos concentrar-nos para pedir a força dos espíritos que nos ajudem com sua força a dar repostas aos nossos problemas. Em seguida é recolhida e colocada no altar para invocar a presença dos espíritos enquanto são dadas as boas vindas pedindo para as diferentes situações. Projetos lugares, etc. São também convocados vários representantes e os organizadores do encontro a quem é entregue um dos símbolos do que antes se falou e depois de ter soprado sobre eles são colocados no altar a significar que a nossa cotidianidade, nossa vida está colocada no coração de Deus, em nossa celebração. Oferecemos também o ouro e a prata, o que temos de mais sagrado que não é para nos explorar, mas para nos complementar-nos. Vamos agora aos lugares sagrados onde Deus se tem manifestado para pedir-nos que mudemos de vida. Estamos colocando no altar os pobres e os marginalizados de nosso sistema neoliberal. Enfim colocamos a flor como sinal de ressurreição, convencidos que, um dia em nossas dioceses, comunidades, paróquias ela há de florescer. Cada um olha para a flor e sopra sobre ela, e enfim a colocamos no altar com todos os nossos sonhos e com a convicção que a força dos pequenos há de florescer um dia. E agora começa a festa para qual convidamos algumas irmãs para lhes entregar a lâ sagrada a significar a força feminina. Agora para concluir a celebração vamos queimar o nosso altar e nós acreditamos que nisso está a presença dos espíritos que nos ajudam. Antes disso,

podemos colocar também os problemas e as pessoas que não puderam estar aqui. A celebração tem sua conclusão festiva no abraço da paz e os votos de vida e prosperidade.

A PLENÁRIA:

Os trabalhos continuam com as contribuições dos diferentes grupos que respondem à questão: “O que devemos fazer para manter, defender, a força dos pequenos dentro de nossas comunidades frente ao projeto neoliberal e na relação com nossas Igrejas?”

REGIÃO MESOAMERICA:

- Articular nossos processos de pastoral indígena dado que sabemos que são diferentes. É necessária uma articulação em diferentes níveis (local, regional, diocesana, nacional, continental).
- Essa articulação nos ajudará a tomar consciência das nossas realidades, a valorizar a nossa cultura e identidade, a defender nossa terra, autonomia, a lutar por uma educação própria e para o respeito das nossas comunidades.
- Acompanhar e capacitar a mais irmãos/as para que assumam esses processos. Somos conscientes do caminhar, sabemos que muitos irmãos e irmãs têm feito com esforço e só em algumas ocasiões avançado com suas próprias forças; sabemos que se têm desgastados física e espiritualmente por isso é necessário acreditar.
- Os espaços para fortalecer o coração onde possam reforçar sua espiritualidade para poder beber a água fresca retornando animados para sua caminhada. Esse espaço, o temos encontrado nos exercícios espirituais em chave indígena e esperamos que se implementem também para os leigos.
- Conhecer mais para respeitar o processo. Conhecer a fundo a nossa história, nossa teologia índia, nossa igreja, o sistema neoliberal. Somente assim poderemos empreender caminhos de diálogo.
- Dialogar: para entrar realmente em diálogo necessitamos:
 - ✓ Entrar na lógica do outro
 - ✓ Deixar-me transformar do que o outro me diz
 - ✓ Enriquecer-nos mutuamente.
 - ✓ Necessitamos de trabalhar o coração abrindo-nos ao diálogo.

Manter vivos encontros onde encontramos o apoio e a força necessária para não dividir o coração quando nos pedem razão da teologia índia aonde podemos ser testemunhas.

CARIBE: para manter e defender, potencializar a força dos pequenos é preciso que voltemos para as fontes dos ancestrais, por exemplo a medicina tradicional, a tradição a cultura e a celebração dos mitos valorizando todas essas práticas de nossos povos. Portanto é necessário que os mais velhos.

- Deve-se formar uma rede de trabalho comunitário já que existe uma área muito extensa;
- Recuperar a memória histórica dos povos indígenas, amando-a e querendo-a;
- Recuperar nossa identidade;
- Mostrar aos jovens as boas maneiras(honradez, respeito, etc.);
- Intercambio de sabedoria milenária com outros povos;
- Ter uma boa organização.
- A nível dos nossos povos haja uma educação bilíngüe, intercultural, a partir das nossas raízes;
- Organizar a região do Caribe, tendo em conta a Guiana Francesa e incluindo outros povos indígenas.

CONE SUL: Defender, potencializar, manter a “Força dos pequenos”.

- Fazer alianças somar forças, acordos políticos com o governo;
- informar as comunidades sobre o consumismo do neoliberalismo fortalecendo sua identidade;
- diante das crises culturais valorizar os anciãos e discussão dos direitos indígenas;
- informação aos membros da comunidade por ex. reformar a constituição provincial;
- comunicar aos docentes a realidade indígena incentivando a presença de professores indígenas.
- Recordar para continuar com a luta para a terra. Vamos caminhando, trabalhando em rede fazendo articulação.
- Como Igreja escutar aos Povos indígenas dando-lhes espaço em sua estrutura.
- Informar sobre eventuais encontros regionais de indígenas;
- Multiplicar os encontros entre indígenas porque para se defenderem precisa-se conhecer e divulgar seus direitos;

- União e comunicação com povos de outras regiões pedindo as organizações que apoiem a causa indígena;
- Precisamos de muitos lutadores que dêem continuidade e que possam ser formados politicamente e espiritualmente;
- A respeito da Igreja é bem difícil porque os sacerdotes indígenas não aceitam sua identidade indígena;
- A luta e problemas comunitários são resolvidos melhor sem a presença dos políticos e das igrejas, mas com as autoridades autóctones;
- A Igreja como ponte entre a comunidade e o estado aproveitando o bom animo dos irmãos não indígenas para nos fortalecermos;
- Apresentação de casos concretos para levantar as fronteiras, superar as barreiras e fortalecer a luta transnacional dos povos que vivem em diferentes países;
- Devolver as próprias comunidades o conhecimento mantendo as próprias autoridades originais e respeitando as autoridades autóctones;
- Trabalho com a igreja luterana e as comunidades por um lado, e por outro com a própria igreja;
- Formação teológica a partir da perspectiva cultural;
- Organização e formação das comunidades buscando o apoio dos indigenistas (Organizações);
- Exigir que se informe sobre o dinheiro que chega dos países estrangeiros em favor dos indígenas (Ongs, Adveniat, Misereor);
- Exigir os direitos humanos indígenas; que este encontro se realize em favor dos povos indígenas e de seus direitos;
- Trabalhar junto e com espírito de reciprocidade;
- Fortalecer as espiritualidades acompanhando a formação teológica;
- fortalecer as legislações existentes e a criação de outras necessárias;
- viver profundamente a própria espiritualidade para poder partilhar; aprofundar os valores indígenas dentro de cada povo e também fora;
- redes de comunicação e uso de rádios comunitárias com a participação indígena criando consciência;
- acompanhamento da formação dos vocacionados/as indígenas; pelos próprios sacerdotes indígenas;
- partir da própria identidade na educação para que não se negue a cultura;

- atitude de escuta e análise para compreender a idéia do outro, comprometer-se para a causa indígena sem impor-se sobre o outro mas trabalhando em equipe e tecendo redes.
- Comunicar a experiência dos indígenas com a natureza e mostrar a natureza e a solidariedade apresentando a autoridade indígena como alternativa;
- Mandar a mensagem final ao CELAM.

AMAZÔNIA

1. partindo da experiência indígena de Deus frente ao projeto neoliberal:

- ❖ Valorizar mais o modelo educativo de Paulo Freire, como modelo alternativo aquele neoliberal enriquecendo-o com a educação indígena;
- ❖ Reafirmar a retomada das terras tradicionais dos povos indígenas como uma experiência mística, pois ela sustenta /fundamenta estas retomadas;
- ❖ Fortalecer as fontes próprias de sustentabilidade de cada povo para aumentar sua auto-estima e identidade como algo profundo e valioso e não somente como folclore, manipulando e comercializando.

2. partindo da experiência indígena de Deus em relação às Igrejas:

- ❖ Promover e reconhecer nas dioceses, paróquias e nas regiões pastorais a importância dentro da caminhada da Igreja, a pastoral indígena e indigenista;
- ❖ Avançar e divulgar as práticas e experiências de inculturação da liturgia, da catequese que já existem e pouco conhecidas e se pede que as Conferências Episcopais reconheçam e apoiem oficialmente(CNBB; CRB);
- ❖ Na formação de religiosos , padres, catequistas, missionários e agentes de pastoral, sejam incluídos conteúdos sobre antropologia cultural, missiologia, etc.
- ❖ Coletar, organizar e publicar temas indígenas que já existem sobre teologia, espiritualidade, educação;
- ❖ Que a pastoral urbana inclua a pastoral indígena, pois existem muitos indígenas na cidade;
- ❖ Que os próprios indígenas sejam protagonistas na valorização e expressão de suas próprias culturas em todos os processos;
- ❖ Que os bispos assumam e apoiem publicamente a caminhada e o processo de constituição da teologia índia e a prática de inculturação do evangelho em todas as culturas.

3. partindo da experiência indígena de Deus, junto às nossas comunidades:

- implantar projetos de auto-sustentação nas aldeias para não depender do dinheiro de fora;
- a comunidade deve trabalhar melhor a escolha dos caciques, das lideranças;
- divulgar nos meios de comunicação (rádio comunitária, internet...) as lutas e as histórias das comunidades tanto na aldeia quanto fora dela;
- trabalhar na educação de toda a comunidade para a preservação dos costumes, das tradições e da língua;
- lideranças indígenas mais comprometidas com a luta comunitária;
- resistir às tentativas de corrupção e captação por parte de grupos políticos e econômicos;
- reforçar a união das lideranças nas aldeias e entre os povos indígenas;
- combater o preconceito entre índios da cidade e índios da aldeia;
- que todas as tomadas de decisões em relação à comunidade sejam coletivas;
- preservar a identidade indígena;
- criar uma pastoral indígena para atender as demandas das comunidades;

ENCAMINHAMENTOS:

- Que o VI encontro de Teologia Índia tenha como tema a teologia da terra ligada ao problema da sustentabilidade;
- Formar uma comissão que viabilize e dê continuidade as propostas de teologia índia assumidas nos encontros de teologia índia e faça uma contínua articulação entre diversas experiências que acontecem nos diferentes países;
- Elaborar e encaminhar um documento, fruto do V encontro de teologia índia, para enviá-lo ao secretariado do CELAM, da CNBB, Regional Norte I, para que se leve em conta a Teologia Índia;
- a nível de Brasil, aproveitar a CF- 2007 como momento e espaço para aprofundar e expressar o sentido da água e da natureza que têm os povos indígenas e dá-los a conhecer ao Brasil e ao mundo.

QUESTIONAMENTO:

- Como enfrentar a modernidade com seus produtos (televisão, energia elétrica) que entram na aldeia e mudam a vida da comunidade?

- Informar a comunidade em relação ao encontro de Teologia índia e sua importância para a luta;
- Organizar as famílias indígenas que moram nas cidades(Boa Vista,etc.,...); bem como realizar cursos litúrgicos de preparação só para indígenas;

Frente ao neoliberalismo:

- A resistência indígena frente às investidas do capital nas áreas indígenas (Yanomami);
- A maneira de pensar os povos indígenas; a aprendizagem dos não índios sobre a maneira de viver dos povos indígenas;

REGIÃO ANDINA

O que fazer para conservar e potencializar a força dos pequenos dentro das nossas comunidades

As proposições que seguem são a nossa resposta crítica à pergunta proposta:

A partir das nossas identidades individuais (sacerdote, religiosa, leigos, irmãos de outras igrejas) precisamos realizar um processo de inserção no mundo indígena para vivenciar, entender e acompanhar seus processos de luta desde o começo do processo até sua conclusão final. O problema é qual o ponto de partida da nossa maneira de evangelizar? Onde nos colocamos? Nos posicionamos como Igreja que olha de fora nos processos que vivem os nossos povos?

Potenciaremos a nossa força em conhecer a cosmovisão de cada cultura até sentir orgulho dela, ao conhecer a dinâmica da sociedade envolvente para poder defender a vida dos menores que nós.

Temos que ser pequenos e ter uma atitude de pequenez, de humildade (em nossas relações e atitudes), de flexibilidade, de abertura, de testemunho. Temos que aprender a “aprender”. Temos que ficar mais em silêncio e escutar a palavra teológica dos outros/as

Irmãos sacerdotes diziam que temos que viver um processo de conversão, de abertura, de respeito, de participação, de democracia, ao interior de nossas instituições responsáveis pela evangelização (Igreja, Institutos, Congregações)

Devemos nos despojar de tudo aquilo que impede o encontro com o outro (esquemas mentais, doutrinais..) e não permitem que somemos as nossas lutas pela vida à luta dos nossos povos.

Ser capazes de sermos autocríticos do nosso pensar e agir como discípulos de Jesus. Precisamos nos purificar, ser coerentes.

Consensos e compromissos

Partilhar e trocar nossas experiências de serviço com os povos indígenas

Romper o silêncio frente às violências que ainda hoje os povos indígenas sofrem: corrupção, metralhadoras, políticas econômicas com os países empobrecidos, o dinheiro que compra as consciências. A nível eclesial o “poder” de um ministério. O caso da negação de formar igrejas autóctones, de ser igreja a partir de nossa própria identidade. Cremos que se repete o que aconteceu com a teologia da libertação. Por isso nos solidarizamos com os nossos irmãos do México.

Todos estes aspectos exigem que nasça uma igreja com novo rosto e coração e ao mesmo tempo potenciarão a força dos pequenos aos quais queremos servir como pequenos.

Aspectos pontuais que nos desafiam:

Socializar, informar e comunicar através de encontros de formação o positivo dos processos de mudança para que todos tenham vida, como na Bolívia a Assembléia nacional Constituinte, a Nacionalização dos nossos recursos etc... Socializar a importância da participação política com outros irmãos índios, a consciência que é possível realizar e concretizar os nossos projetos de vida.

É urgente possibilitar uma comunicação rápida (tipo internet) para comungar nossas lutas, para apoiarmos, o mais rápido possível, a partir de qualquer lugar da nossa Abya Yala.

Potenciar instâncias como associações, institutos, universidade, civis ou religiosas, já existentes, que fizeram causa comum com os povos indígenas. Criar redes de informação, para socializar conhecimentos, materiais, publicações que podem ajudar uns aos outros.

Manter contatos estreitos com os movimentos, grupos, organizações indígenas locais, nacionais, internacionais.

Fortalecer o sentido da festa

Frente ao neoliberalismo:

Ter uma voz profética que desmascare a verdadeira identidade do mostro do neoliberalismo

Propor alternativas reais, práticas frente aos problemas econômicos, políticos, que afetam a vida dos pequenos. Neste sentido contribuir mais com critérios, fundamentações morais e teóricas em lugar de cartas, reflexões ou manifestos que se colocam no lugar de “terceiros” sem posicionamento.

Desafios:

Qual o nosso papel? Temos alternativas sérias, reais, viáveis? A resposta implica um compromisso político.

Se Evo fracassar o que vai acontecer? Não é possível somar força neste processo de mudança. Evo pode fracassar, mas não pode fracassar o projeto histórico da vida dos povos indígenas.

Propostas AELAPI:

- Elaborar um subsídio para formar e informar as comunidades indígenas sobre o encontro Continental de Teologia Índia;
- Realizar e dar continuidade à reflexão sobre a Teologia Índia nas diversas regiões do Brasil.

D. Gianfranco Masserdotti sugere que nas propostas haja uma maior concretização e propõe que seja feito esse trabalho a nível de Igrejas locais e de Conferências Episcopais.

Conclusões do V Encontro Latino Americano de Teologia Índia

Síntese do Padre Henrique Jordá

1. CULTURAS:

Consenso: fortalecer a vida e o crescimento de nossas comunidades indígenas, a partir delas mesmas, bebendo da nossa própria espiritualidade.

a. Articular os processos de cada povo e região, e incluir todos os povos de cada região

Somar forças com alianças entre povos

Romper o silêncio – unidos – contra violência

b. Capacitar e multiplicar

Sabedoria milenar que sempre deu força aos antigos, amá-la e vivê-la.

Caciques bem eleitos/ anciãos que transmitam a espiritualidade aos jovens

Professores indígenas com este espírito

Recuperar todos e ampliar a abrangência, em identidade e com orgulho de ser povos indígenas

Viverem todos mais em profundidade a própria espiritualidade. Aí nós vamos encontrá-la em profundidade.

Impulsionar para a liderança, sem tocar os elementos espirituais recebidos.

c. Criar espaços para fortalecer o coração

Ecologia e criação: tudo é de Deus, tudo pertence a Deus, que nos colocou neste grau jardim de nossa terra– território. Lutar para conservá-la bonita, lutar contra o que a destrói (transgênicos, invasões, multinacionais). Projetos em perspectiva cultural. Sentido da água e da natureza

Comunicação rápida e eficaz: formar agentes para isto. Aproveitar as mídias, das rádios comunitárias, rádios da igreja, Internet, televisão, para conhecimento de nossa história e para divulgação de nossa situação e problemas e defesa e vitórias.

Memória histórica e mística: utilizarmos essa riqueza, para aumentar a motivação.

2. IGREJAS

Consenso: ter inserção, ouvir a voz indígena, defender a vida do povo – anunciar profeticamente esta decisão.

a. Inserção: “estar” com o povo no dia a dia, escutar em silêncio, superar as barreiras pessoais, aprender na vivência, entender no sofrimento, respondendo, gozando.

b. Discernimento étnico: decidindo a partir de sua posição, e em diálogo contínuo com o povo.

c. Pastoral indígena: com conexão entre indígenas da cidade e das aldeias – liturgia especializada para comunidades indígenas nas cidades.

d. Aelapi: elaborar, formar, informar, dar continuidade à Teologia Índia nas diversas regiões.

e. Cada delegação enriqueça, com sua contribuição, a própria igreja local, com a riqueza dos povos indígenas, com vistas ao Reino de Deus, integrando cada diocese para chegar à V Conferência do Celam em 2007.

f. O Compromisso com os povos indígenas tem que ser nas boas e nas más horas

g. Nos cursos de formação, dar também conteúdo de antropologia cultural e da missiologia aplicada à região

3. DESAFIOS PERANTE O NEOLIBERALISMO:

Consenso: mostrar que temos alternativas próprias de vida, e que não dependemos nem nos conformamos com o neoliberalismo.

a. Confiança em que podemos colaborar para tornar realidade os projetos dos povos indígenas.

b. Colaboração em todos os níveis, a favor das alianças e redes de comunicação indígena. Também em conseguir apoio para os direitos indígenas dentro dos governos nacionais, e apoios de governos amigos. Igualmente na luta pelos direitos dos povos indígenas e nos projetos de autosustento para não depender tanto do neoliberalismo.

c. Carregar verdadeiramente no coração o acompanhamento e busca de soluções, diante da migração de tantos indígenas por falta de recursos e por outras causas.

ENCERRAMENTO

CELEBRAÇÃO DE ENCERRAMENTO A PARTILHA NA GRANDE MALOCA

Na parte da tarde começa a intensa celebração final do encontro. Somos acolhidos pelos povos da Amazônia que nos oferecem a cada um dos participantes uma pulseira sinal de pertença, em seguida somos purificados com o incenso para poder escutar a palavra do profeta Isaias cap. 54. em seguida foi lida a mensagem final deste encontro nas línguas espanhola e portuguesa. A dança do grupo Tucano que simboliza a troca de bens entre eles. (dança jukuruku e do cariço). Enfim foram distribuídos presentes para a coordenação da AELAPI e a coordenação do encontro.

I. Coordenador (a)

Irmãos e irmãs, na celebração de abertura de nosso encontro fomos acolhidos na CASA GRANDE, na GRANDE MALOCA, que simboliza o PLANETA TERRA. Esta maloca nos acolhe com toda nossa pluralidade, nossa multiculturalidade e alimenta a nossa diversidade que é força e vida para o mundo.

Chegamos ao momento de celebrar a festa de encerramento, a despedida, o retorno para nossos lugares de origem.

Mais uma vez nos reunimos dentro da MALOCA GRANDE. Aqui somos convidados a conviver e a habitar coletivamente esse LAR SAGRADO, espaço de respeito as identidades diversas, de construção da autonomia, de dialogo, de reciprocidade, solidariedade e libertação.

Todos e todas que estamos convidados a participar desta festa, receberemos uma pulseira. Como sinal de pertencimento ao grupo, significando que estamos aptos a participar da festa.

(Nesse momento os indígenas distribuem as pulseiras a todos e a Ir. Taciana explica o significado da pulseira).

II. Coordenador (a)

Ouviremos agora uma leitura da Bíblia, do livro do profeta Isaias, 54, 2-5. (Leitura feita pela Ir. Clarice). Isaias, 54, 2- 5

“Aumentemos o espaço de nossa maloca, nós, povos indígenas. Rapidamente estendamos nossas palhas. Estiquemos nossas cordas, finquemos as estacas. Porque

nós vamos nos estender para a direita e para a esquerda. Nossos filhos herdarão a terra e povoarão as aldeias desabitadas. Não tenhamos medo, porque nós, povos indígenas não ficaremos envergonhados e nunca mais sofreremos a humilhação que sofremos no passado e estamos sofrendo no presente, pois firmamos a aliança com Deus forte e poderoso, com o Deus da vida e da libertação com o Deus dos pequenos.”

III. Coordenador (a)

Ouviremos agora a leitura do comunicado final do nosso encontro.

(Pe. Mario Pérez fará a leitura)

IV. Dança Ritual

Nesse momento só o grupo de dança faz o ritual ao centro, uma dança curta.

V. Troca de presentes

As regiões (Cone Sul, Meso América, Andina, Amazônia e caribe) fazem a troca de presentes. Uma pessoa de cada região pode falar uma palavra de agradecimento. O Brasil inicia a distribuição dos presentes. Entrega de presentes as pessoas da casa.

VI. Distribuição do açaí (partilha) e distribuição do caxiri

VII. Grupo de dança

Nesse momento todos dançam e se confraternizam.

Neste momento vamos escutar **algumas mensagens:**

D. Sebastião: “A Arquidiocese de Manaus recebeu nestes dias um grande presente, a vossa presença. Nós falamos muitas línguas, mas nós nos entendemos, porque falamos a linguagem de Deus. Em nome do Arcebispo D. Luis, do Bispo auxiliar D. Mario, dos padres, religiosos, religiosos e povo de Deus, quero agradecer ter escolhido nossa igreja para este encontro. Nos queremos comprometer-nos a construir uma igreja com um rosto cada vez mais indígena, por isso quero remarcar esse nosso compromisso oferecendo ao Pe. Eleazar, coordenador da AELAPI esse arco e flechas, para continue nessa obra e possa ajudar e estar presentes no encontro do CELAM do próximo ano”.

Pe. Eleazar: “continuaremos a ser guerreiros”

D. Gianfranco: “nestes dias ouvia falar de nós como nossos pastores. ‘Nossos’ pode estar bem. Mas ‘pastores’ não sei por que me senti ovelha, que nestes dias me senti guiado por esses irmãos que trazem muita riqueza, novidade e alegria. Peço licença a Ir. Margot, mas na história da Igreja dos primeiros tempos durante o império humano há um fato que muda a história e que acontece em Nazaré da Galileia onde uma virgem recebe uma esperança e onde os pequenos chegam com uma mensagem de esperança que chega aos povoados, as cidades e até ao coração do império. Eu fiz nestes dias a experiência de viver na periferia do império onde os pequenos se tornam força e proposta de vida para a construção de um mundo possível. Por isso saio

Lázaro: Caríssimos irmãos, agradeço a Deus a oportunidade de poder estarmos juntos, ter comido junto, dormido junto, e pensado junto e assumido propostas de muitos compromissos para voltar as nossas comunidades cheios de força e com a vontade de continuar a caminhada.”

▪ **Pe. Eleazar:**

Na maloca dos povos amazônicos

Convertida em casa grande para todos

Fomos recebidos como parentes

Representantes indígenas e pastorais do Sul,

Do Norte, do Poente e do Nascente;

Rompendo barreiras lingüísticas e culturais

Nos abraçamos com a linguagem da vida e do amor

Partilhamos danças, cantos, ritos e experiência de luta.

Esta linguagem nos transportou ao coração dos nossos povos

E ao coração do próprio Deus: Mãe e Pai nosso.

Escutamos o lamento de dor que o projeto neoliberal impõe aos nossos povos

E saboreamos as flores e esperanças que também nascem em nosso jardim.

Ai descobrimos que a força dos pequenos é vida para o mundo

Que podemos vencer ao monstro e até contribuir com nossa sabedoria

Com os nossos irmãos na desgraça e também com nossa igreja.

Ela começa a ser nossa irmã e aliada

Quando se aproxima e bebe de nossas fontes e mananciais

Quando se despoja e se banha nos rios da nossa luta.

**A razão fundamental da nossa força não são as armas,
Mas sim a consciência que somos filhas e filhos de Deus,
Quem nos distribuem nos caminhos da vida para que o ajudemos
A construir o grande parentesco entre humanos, vegetais e animais.
Não estamos sozinhos no mundo; temos muitas irmãs e irmãos;
Deus está conosco; e com Ele construiremos a maloca grande para todos.**

**A incompreensão que ainda existe em relação à nossa palavra e à nossa luta
Desafia-nos a dar razão de nossa esperança a quem no-la pede;
Com novas estratégias aumentaremos o número dos nossos aliados
E faremos que os nossos irmãos na Igreja se unam à nossa causa
Que é a causa da vida, a causa do Reino de Deus.**

**Terminamos agora este encontro continental de Teologia Índia
E voltaremos aos nossos lugares com o coração carregado de novas energias
Para continuar lutando junto com outros irmãos que querem um mundo novo,
Mais humano, mais justo e fraterno para todos. Deus está conosco.
Jayalla! Jayalla! Jayalla!!!**

Espiritualidade indígena – Ernestina Lopez

D. Roque Paloschi, Bispo de Roraima:

“Eu te louvo Senhor do céu e da terra porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos”. Sim, o nosso coração vibrou desde a nossa chegada até neste momento do encerramento pois sentimos mais do que nunca que “a força dos pequenos é sinal de vida, esperança para o mundo”. No encontro de tantos povos o espírito de Deus nos conduziu para nos sentirmos irmãos e irmãs comprometidos com a história de nossos ancestrais para defender as tradições, costumes, religiosidade de nossos povos indígenas nesta grande pátria ameríndia, no sonho de viver a utopia de uma “Terra sem Males”. Retornamos as nossas malocas comprometidos com o projeto de comunhão e solidariedade dos pequenos que rejeitam a ganância dos grandes que são movidos pela ganância, pelo lucro pela morte. Que o Deus da vida nos faça perceber as “semente do verbo” presente no coração de cada povo na certeza

que na história de cada povo está acontecendo a sua Páscoa. Irmanados na luta e na utopia partimos para levar aos nossos parentes as bênçãos do V Encontro Continental de Teologia Índia.

Janaine (jovem Wapichana de Roraima):

“Com muito carinho e amor vou ler uma mensagem para todos. Continuemos lutando pelos nossos direitos e valorizando os nossos povos, nossas culturas. Nós somos desprezados, desvalorizados mas não somos vencidos. As dificuldades não nos atingem só a força do rio, da natureza, dos pássaros podem-nos atingir. Deus nosso Pai abriu nosso coração para nós fazermos cada dia o bem possível – flores e espinhos na grande maloca.

Queremos agradecer todo o carinho, atenção de todos apesar do pouco tempo queremos dizer a cada um e a cada uma que quanto mais se aproxima o final sentimos saudades principalmente do jeito amoroso e do testemunho de vida. Esperamos uma outra oportunidade para nos encontrarmos. Que Deus abençoe cada coração e mente dos partem e dos que ficam e que as distancias geográficas não atrapalhem o nosso bem querer que alimenta o nosso caminho.”

D. Zenilda:

“Para mim foi grande satisfação e felicidade de estar aqui nestes dias em buscas de experiências e para reacender a nossa fé. Vou levar-vos no meu coração e na oração. Agradeço quem tornou possível esse nosso encontro. Voltando à minha comunidade vou levar o rosto de cada um de vós porque nesses dias vocês foram a minha família.”

Pe. Nello agradece as organizações que tornaram possível este encontro (Solidariedade/Holanda) na pessoa do Paulo, a Adveniat da Alemanha, a Província Franciscana da Alemanha, a conferencia episcopal da Holanda, e os Combonianos na pessoa do Pe. João Clark.

Para finalizar a festa iremos tomar todos junto o açaí com tapioca.

MENSAGEM FINAL

*“A todas as comunidades indígenas
a todas as nações e governos do mundo
a todas as Igrejas
do coração da maloca da Amazônia
anunciamos que
a força dos pequenos é vida do mundo”*

Como os córregos e mananciais que se encontram no grande rio Amazonas, assim também nós, povos que nascemos nos quatro ventos, viemos unir nossos corações e nossas palavras às margens deste rio sagrado.

Convocados pelo Criador das águas e das florestas, o Deus Grande Pai e Mãe, o Deus dos quatrocentos nomes, Tupã, Tuminkier, Koamakë, Tamacco, Kohamacu, Elchen, (Ngenechen) Tuminkary, Nguluvi, Nyasaye, Mungu, Kanobo, Paapa, Karagabi, Tupo, Katata, Acha Diosĩ, Tata Kuerajpiri, Trindade, Tupana, Ñande ru, Metion, Wanadi, Ngai, Nungungulu, Palob, Encântados da mata e do mar, Ngai, Nana-Tata, Kaa'ti, Pachacamac, Apunchic, Ajaw, Qatata' Qate', Sabaseba, Onoruame, Yumtsil, Jmanojel, Waxacamen, Paba, Nana, Zalita, Qart'a, Tata Fitsocoyich, Dsara, Ndiose, Kinpaxkatsikan, Kinpuchinakan, Teótzin, Ometeótzin, Tonántzin, Totátzin, Pacha-Camac, Pachamama, Tata, Apunchiy, Viya, Jeiñ, Het, Maimuná, Wirak'ocha, Tata Viya, Moxeno, Ngurá, Mañusi, Omama, Karosakaybu, Tupagã, Bôdje, Kaa't, Viya, Jeiñ, Mejión, Akoré, Ngöbö, Nun Run, Bôdjé Dev, Eidjadwlha', Bhagvan,, Ye'paô'âktht, Co'amact, Ishwak, Jangoiko, Aijimarihi, Yumahi, T^sorá, Wainikaxiri, Ko Mam, N'diose, Ajuã, Pita'o, Achillik, Kausayuk viemos participar do V Encontro Latino Americano de Teologia Índia, em Manaus.

O Brasil nos recebeu com imensa ternura, com palavras floridas e danças incentivadas por maracás, flautas, violões e corações dispostos a partilhar esperanças e sonhos de um outro mundo possível, onde a força dos pequenos é alternativa de vida.

Desde os primeiros momentos, saboreamos as riquezas culturais de nossos povos que manifestam a grande sabedoria e o imenso amor de nossa Mãe e de nosso Pai geradores de vida. Sabedoria simbolizada pelo fogo, por sementes e frutos, bebida, incenso e orações.

Jesus Cristo ressuscitado fez-se presente nesse encontro, fortificando a luta dos povos e dando sentido à morte de nossos mártires. No mais íntimo de nós mesmos, escutamos o quanto a vida triunfa sobre a morte. O testemunho de uma mulher indígena nos ensinou que não se morre jamais quando se morre lutando pela vida. Nossos mártires não são enterrados, eles são plantados para que nasçam novos guerreiros. A experiência de nossos mortos fortalece o coração de nossos povos. Vivemos e queremos continuar vivendo e por isso oferecemos nossa própria vida.

Trouxe-nos grande alegria e esperança a palavra de irmãos e irmãs que caminham conosco nessa experiência teológica quando afirmaram que a Luz, dom do Espírito da Terra e da Água já se encontrava em todos os povos indígenas, em todas as culturas e religiões e que, nenhuma delas é superior às outras porque cada uma tem em suas mãos uma fagulha do Fogo divino.

Mas escutamos com dor e preocupação que foi freado o processo que permitia a nossos irmãos indígenas receberem o diaconato na Diocese de S. Cristóvão de las Casas e que também se impuseram medidas disciplinares a irmãos indígenas, teólogos, do México. Pedimos ao Espírito que abra os corações e as mentes daqueles que nos conduzem à autêntica universalidade, para que, como em Pentecostes, nossa assembléia cristã manifeste todos os rostos e todas as línguas do mundo.

Constatamos que nossos mitos, nossos ritos e experiências históricas são, para nós, expressão do sagrado. As orações e danças desses dias nos convidaram a uma contínua purificação dos males e das pragas que o sistema neoliberal nos impôs. A maioria dessas pragas vêm de fora, embora, infelizmente, também as produzimos entre nós: divisões, perda de identidade, abandono de nossas terras, violência intra-familiar...

Nós, os participantes desse Encontro, queremos denunciar que a praga que mais ameaça esse momento da História é aquela que a Amazônia sofre em seu imenso manancial aquático, na riqueza de sua biodiversidade, em seus povos e culturas milenares, pela cobiça dos poderosos que pretendem apossar-se desse eco-sistema imprescindível para a vida de todos os seres da terra. Frente ao sistema neoliberal avassalador e destrutivo, queremos então oferecer a todos os povos do mundo, como alternativa, a sabedoria com que cultivamos nossa terra e cuidamos da natureza. O mundo de hoje necessita do saber tradicional que nos cura e da força espiritual que nos impele adiante na construção da História.

Convocamos a todos os povos indígenas a continuar sendo os defensores dos mares e dos rios, dos peixes e das aves, das sementes e dos frutos, das árvores e dos animais, dos rios e das montanhas, das matas e do cerrado, porque o Coração do Céu e o Coração da Terra nos introduziram na História para oferecermos ao mundo alegria e plenitude, ao invés de maltratá-lo e destruí-lo.

E convocamos também a continuar lutando e exigindo dos governos, da sociedade e das Igrejas respeito e apoio pelos direitos indígenas

A partir da palavra milenária de nossos antepassados, percebemos nossa pequenez e tomamos consciência de que, sozinhos e isolados não podemos enfrentar as ameaças do sistema de morte. Guardamos no coração essa lição que aprendemos das experiências históricas e dos relatos de mitos em que os animais mais pequeninos como formigas e rãs são os vencedores do mal.

Quando nossos irmãos e irmãs indígenas de Manaus nos convidaram para visitar as águas sagradas do Amazonas, lugar onde se juntam as águas brancas e as águas negras, aprendemos que é possível a união dos diferentes em uma única caudal geradora de vida para a humanidade e de fertilidade para o mundo.

Ao longo desses dias surgiram diversos desafios: defender a vida de tantos de nossos irmãos e irmãs indígenas ameaçados, propiciar um autêntico diálogo entre índios e instituições nacionais e eclesiais, comprometer-nos profeticamente como missionários e missionárias para que, longe de impormos uma ideologia, testemunhemos e anunciemos o Evangelho de Jesus.

Em profunda contemplação, constatamos que a força dos pequenos está em sua união e organização, em suas assembleias e consensos comunitários, no saber complementar-se, na responsabilidade e no serviço, no abrir seus corações para somar com outros e multiplicar sonhos e utopias. Essa força está na identidade e cosmovisão próprias, na ética e na autenticidade de sua palavra.

Força que vem de seu vínculo com a Terra e com a Água, de sua profunda solidariedade, de seu parentesco com toda a criação e da fraternidade que os une a todos os povos.

Sua força está na dança e na festa, na espiritualidade que os vincula com Deus, Pai e Mãe da vida.

Ao terminar esse Encontro, queremos manifestar nossa gratidão a todos aqueles que se solidarizam com as causas indígenas e com elas se comprometem até as últimas conseqüências em cada um dos países da América Latina: o levante de Chiapas, no México, o Movimento Indígena do Equador, a tomada de poder indígena de Bolívia, as luta por demarcação da terra no Brasil, o reconhecimento constitucional no Paraguai.

E, somos especialmente agradecidos àqueles e àqueles que, como Jesus, estão conosco no dia-a-dia, nos momentos de dor ou de festa, no plantio e na colheita, nos altos e baixos da vida, a todos os que trabalham e sonham conosco, a todos e todas que, por nós, são capazes de morrer e que, em nós, ressuscitam.

Ao final desses dias, em volta do fogo e da comida que nos unem, assumimos o compromisso de continuar a construir juntos nossa História, defender nossos territórios tradicionais, fortalecer nossas culturas e religiões, solidarizar-nos com as lutas políticas de nossos povos e prosseguir incentivando o surgimento de Igrejas autóctones.

Da grande maloca indígena da Amazônia, em Manaus, Brasil

26 de abril de 2006

MAIS APORTES:

[.Amazônia:futuro da humanidade: Gunther](#)

[Paulo Suess](#)

[La fuerza de los pequeños y el gozo de Jesus – Diego Irrazaval](#)

[Reflexões da Colômbia](#)

[Ecuador: Situação atual](#)

[La experiência de Dios](#)

[PANAMA: pasta com aportes.](#)

[APORTE ANDINO](#)

[UM TAITÁ ME CONTÓ - Bolivia](#)

[Estatísticas do encontro](#)

[Participantes](#)

[Gráfico](#)

[Participantes por nação](#)